

Jéssica

Macedo

'OUTRO de LADO' mim

LIVRO 2

CONFUSÕES NA TERRA
DA RAINHA





Jéssica Macedo

OUTRO LADO
de mim

LIVRO 2



Belo Horizonte | 2019

Copyright ©2019 by Jéssica Macedo

Todos os direitos reservados. É proibido o armazenamento ou a reprodução de qualquer parte desta obra - física ou eletrônica -, sem autorização prévia do autor. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Projeto Gráfico de Capa e Miolo

Jéssica Macedo

Revisão

Mimeógrafo Consultoria

mimeografoconsultoria.wordpress.com

mimeografo@outlook

Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com a realidade terá sido mera coincidência.

Leia antes!



Outro lado de mim => <https://amzn.to/2NROYio>

Cecília é uma garota meiga, gentil e amorosa que ganhou uma grande oportunidade de estudar na melhor escola do país. Tudo parece lindo, um sonho e uma oportunidade de ouro para uma garota de apenas 14 anos. Mas seu conto de fadas acaba quando ela dá de cara com outra menina igual a ela.

A não ser pela cor dos cabelos e a personalidade,

Charlotte se depara com uma garota igual a ela. Filha de um empresário multibilionário, ela estudou na Academia Estive a vida inteira. Lá era seu lar, onde sempre teve seus amigos e se sentia especial, mas a sua “clone” desfilando por aí está prestes a colocar tudo a perder.

Em meio a confusões e descobertas, duas garotas vão descobrir que são mais parecidas do que imaginam.

Sumário

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)



Lecilia

Capítulo

Um

Querido diário,

Estava ansiosa por esse dia como todo mundo fica no último dia de aula antes das férias. Tudo bem, não era bem férias, a escola chamava de recesso de julho, mas serão as melhores férias da minha vida. Quem não ficaria ansiosa?! Eu sei que o médico havia recomendado não roer as unhas, no entanto aposto que ele vivia “zen” demais para conseguir dizer essas coisas.

Sei que fiquei algum tempo sem escrever e você está meio desatualizado de tudo o que aconteceu na minha vida, então vamos dar uma recapitulada antes de voltar a falar das férias. Depois que eu entrei na Academia Estive no início do ano, a minha vida virou de cabeça para baixo. Foi tudo muito louco! Aposto que já ouviu aquela frase, né? Aquela que diz que depois da tempestade vem a calmaria. Bem isso que aconteceu. Eu e a Charlotte nos conhecemos, nos engalfinhamos, eu fui sequestrada no lugar dela para acabar descobrindo que éramos irmãs e que um avô muito mal tinha separado a gente. Não só nós duas, mas a mamãe e o papai, que acabaram ficando quatorze anos sem se ver. Isso foi cruel demais da parte do meu avô.

Bom, o melhor de tudo é que a tempestade passou! Mamãe decidiu ir morar com o papai e são um casal feliz novamente. Eu ganhei o meu quarto na casa enorme e vamos ter irmãozinhos. Isso mesmo, Irmãos! Parece que o papai e a mamãe só sabem fazer em dois. Logo, logo terão mais gêmeos pela casa, como se já não bastasse a Charlotte e eu. Ainda

bem que ela decidiu deixar o cabelo preto, isso torna as coisas um pouco mais fáceis para quem não conhece bem a gente.

Só posso dizer que felicidade foi a palavra de ordem nos últimos meses. Eu não fazia ideia de quanto um pai fazia falta até ter um, mesmo quando ele olha para mim com a cara fechada vez ou outra quando estou aprontando ou com o Caio...

Ah, o Caio! Estamos namorando desde o meu aniversário de quinze anos. Eu não falo isso para ninguém (a não ser você, diário), mas já gostava muito dele, por mais que ele parecesse só um rostinho bonito na maioria das vezes e que isso me irritasse muito. Sei lá! Dizem que os opostos se atraem e eu acho que, com a gente, funciona meio assim. Acho que não só conosco, já que a Char e o Henry não têm muitos gostos em comum também.

— Cecília? — Dalva bateu na porta e entrou. — Bom dia, senhorita!

— Bom dia! — Sorri para ela ao virar meu rosto em sua direção.

— Você já está pronta, que ótimo!

— Sim... — Olhei para o despertador ao lado da cama. — Já está na hora.

— Fala isso para a sua irmã! — Ela revirou os olhos e saiu resmungando pelo corredor.

Diário, eu preciso ir agora. Continuamos a nossa conversa depois.

Beijos!

Cecília.

Fechei meu diário com o cadeado e o guardei na gaveta da minha escrivaninha antes de me levantar e descer para o café. Assim que cheguei à porta da sala de jantar, vi meus pais. Mamãe estava comendo uma tigela grande de frutas e papai parecia muito interessado em uma matéria do jornal.

— Bom dia, pai! Bom dia, mãe!

— Ceci! — Ela se virou na minha direção e estendeu os braços, aguardando que eu fosse até ela.

A abracei e dei um beijo no rosto antes de me sentar ao seu lado.

— Dormiu bem, filha?

— Sim e você? — Olhei para a barriga dela que já estava bem grande.

— Não. — Fez careta e eu ri. — Eles mexeram a noite toda.

— Devem estar brincando aí dentro.

— É provável. Você e a sua irmã eram bem mais calmas.

— Animada com a viagem amanhã, Cecília? — Meu pai abaixou o jornal e olhou para mim.

— Muito! — Abri um largo sorriso que não cabia no meu rosto e precisei me conter para não dar pulinhos na cadeira. — Londres deve ser incrível!

— É só Londres — resmungou Charlotte ao puxar uma cadeira e sentar ao meu lado. — Oi pai, oi mãe! — Pegou uma fatia de pão e jogou na boca.

— Você diz isso porque já foi lá um montão de vezes.

— É frio e chove muito. — Charlotte tomava seu café tranquilamente sem um terço da empolgação que eu sentia.

— Char, não desanime a sua irmã — repreendeu nosso pai.

— É só uma viagem. Fomos à Londres duas vezes no ano passado. — Ela pegou uma torrada e começou a passar geleia.

— Mas eu nunca fui! — Fechei a cara e cruzei os braços.

Sabia que a vida da Charlotte tinha sido diferente da minha. Ela cresceu com coisas que eu nem podia sonhar, mas, poxa, aquilo era importante para mim, custava pegar leve?

— Char? — Mamãe a chamou e ela parou de comer para prestar atenção. — Quantas vezes fizemos uma viagem nós quatro?

— Nenhuma.

— Então isso vai ser legal, não acha?

— Vai sim, mãe. — Ela abriu um sorriso. — Pensando por esse lado, acho que pode ser divertido.

— Acho que está na hora de vocês irem para escola. E eu vou para o hotel. — Minha mãe se levantou e deu um rápido beijo no papai.

— Mas hoje? — Ele fez bico como se fosse uma criança mimada. — Achei que você já estava de férias.

— Eu preciso terminar o treinamento da moça que vai ficar no meu lugar. Não aja como se não fosse passar o dia todo na empresa resolvendo pendências.

— *Tá bom!* — Ele revirou os olhos. — Você venceu.

Eu e a Charlotte nos levantamos e seguimos até a frente da casa onde o motorista estava esperando por nós.

— Bom dia, meninas! — Ele abriu a porta para nós.

— Bom dia, Jorge! — Sorri ao cumprimentá-lo antes de entrar. — Bom dia, Júlio!

O segurança acenou para mim pouco antes de o outro dar partida no carro.



Charlotte
Capítulo

Dois

Fiquei olhando a cidade pela janela enquanto me perdia em pensamentos. Talvez tivesse pegado pesado com a Cecília. Eu sempre tive muitas coisas que a minha irmã nunca teve. Ir para Londres com frequência era uma delas. Mas ela estava feliz como se tivesse ganhado uma viagem para lua! Bom, talvez Londres fosse correspondente à lua na vida que ela tinha levado com a mamãe...

— Foi mal. — Virei para ela com um meio sorriso.

— Pelo quê? — Ela ergueu uma sobrancelha.

— Não ficar tão empolgada com Londres como você está. Não quis que você não ficasse feliz por ir.

— Eu sei. — Sorriu para mim. — Já que você conhece tão bem o lugar, pode me apresentá-lo.

— Claro! Vai ser bem legal.

— Obrigada, Char!

— Irmãs são para isso.

Cecília tombou seu corpo sobre o banco do carro e me surpreendeu com um abraço. Sem graça, respondi ao carinho até que o meu celular começou a vibrar e eu me afastei para ver de quem era a mensagem.

Henry ??

Cadê vc? Tô com saudades. ??

Charlotte ??

Oi, amor! ?? Já tô indo. Tô no carro.

Henry ??

Blz ?? . Estou esperando vc no estacionamento.

Suspirei ao pensar no Henry. Estava com saudades dele mesmo que tivéssemos nos visto no dia anterior. Começarmos a namorar foi uma das muitas coisas boas que tinha acontecido na minha vida nos últimos meses desde que, por uma coincidência do destino, a minha irmã veio estudar na mesma escola do que eu. Henry e eu precisávamos de um empurrãozinho para nos acertar e ela havia nos ajudado com isso.

Assim que o carro parou no estacionamento da escola, eu vi Henry sentado na mureta. Quando ele me viu, abriu um largo sorriso e veio em nossa direção.

— Bom dia, Char! — Segurou a minha mão e me deu um breve beijinho na boca. — Oi, Ceci, como você está?

— Tô bem! — Ela ajustou a alça da mochila no ombro enquanto olhava em volta. — Sabe onde o Caio está?

— Sei não. — Henry balançou a cabeça em negativa. — Vai ver nem chegou ainda. Ele não é o cara mais pontual.

— Vamos entrar e procurar por ele. — Entrelacei meus dedos aos de Henry.

Todos assentiram e caminhamos até o prédio onde teríamos a primeira aula daquele dia, conforme estava na grade, já que havíamos combinado de fazer uma confraternização com amigo oculto antes.

— Será que você não quer tomar um sorvete comigo depois da aula? —

questionou Henry assim que Cecília se afastou um pouco, caminhando na nossa frente.

— Tenho que arrumar a minha mala, o que ainda nem comecei. — Fiz careta.

— Ah, Char! Eu vou sentir saudades.

— Eu também. — Encarei seus olhos puxados enquanto reparava como o vento balançava seu cabelo preto. — Mas são só quinze dias, já passamos mais tempo sem nos ver.

— Mas não estávamos namorando nessa época. — Torceu os lábios.

— Vai ser uma viagem de família. Acho bom passar um tempo com a mamãe e a Cecília.

— E o tempo comigo? — Piscou os olhos e quase me convenceu, quase.

— Não adianta fazer essa cara de gato-de-botas!

— Não custa tentar.

— Vai passar rápido. Além disso, lá tem sinal de celular e não é em outra dimensão. Você vai poder falar comigo todos os dias.

— Promete?

— Sim.

— Tá bom. — Ele concordou, mas seus olhos tristes me diziam que não estava tão contente de ficar todas as férias sem me ver.

Queria o meu namorado comigo nessa viagem, porém minha mãe estava certa. Os anos de viagens em família foram arrancados de nós e aquela era a oportunidade para mudar um pouco isso. Seria divertido e Henry e eu

sobreviveríamos, até porque ele não fazia o tipo ciumento.

— Da próxima vez, eu posso ir?

— Se o meu pai deixar... — Dei de ombros.

— Acha que ele deixaria? — Mordeu os lábios pensativo e seus olhos ficaram ainda mais estreitos, quase virando dois riscos como aqueles dos animes. Eu achava muito fofo quando ele fazia essa expressão.

— Só se estiver de muito bom humor e a mamãe pedir. Ele meio que faz tudo o que ela quer.

— Bom saber.

— Eu não te dei dica nenhuma. — Me fiz de desentendida.

Estava prestes a me virar para o Henry e tentar tirar dele a informação sobre quem tinha sorteado no amigo secreto, mas minha irmã parou abruptamente e isso fez com que a minha atenção se direcionasse para ela.

— Cecília, o que foi?

— Acho que já sei por que ele não estava respondendo as minhas mensagens de manhã. — A voz de quem estava muito animada desapareceu e deu lugar a um ar de tristeza.

Soltei a mão de Henry e apertei o passo para me colocar ao lado dela. Vimos Caio sentado em um banco do jardim, conversando com duas meninas do segundo ano, mais velhas que a gente. Quando uma delas colocou a mão sobre o ombro do Caio toda sorridente, como eu fazia ao olhar para o Henry, foi a gota d'água para ela e eu vi lágrimas se formarem nos olhos de Cecília.

Cerrei os punhos e senti muita raiva. *Fala sério! Ele não podia ser tão otário,*

podia? Pisei duro e caminhei na sua direção como um dragão disposto a cuspir fogo.

— Você é muito idiota! — Empurrei-o pelos ombros e as garotas, que estavam sentadas ao lado dele, arregalaram os olhos.

— Que isso, Charlotte?! Ficou doida, foi? — Ele se levantou e fez com que eu recuasse alguns passos.

— Eu? Doida? Não, Caio! Quem perdeu a noção foi você!

Assim que perceberam o meu tom alterado, as meninas se levantaram e saíram correndo. *Isso, fujam mesmo!* Cerrei os dentes.

— Que meninas são essas?

Com o canto de olho, eu vi minha irmã olhar para ele, engolir o choro e sair correndo. Henry me encarou e assenti com um movimento de cabeça antes de ele ir atrás da Cecília.

— Que palhaçada é essa? Você esqueceu que é namorado da minha irmã ou está só se fazendo de idiota mesmo? Porque eu juro que se estiver tentando fazer ela de idiota eu vou quebrar todos os seus dentes. — Bati o punho contra a mão aberta. Ele ia descobrir que eu fazia boxe por um motivo.

— Calma, Charlotte! Você entendeu tudo errado. Elas só vieram conversar comigo perguntando do novo filme da minha mãe e eu não quis ser mal-educado.

— Você é muito idiota mesmo! — Empurrei ele pelos ombros e o Caio caiu sentado no banco de ferro onde estava há pouco. Precisei me conter para não socar a cara dele. — Fica longe da minha irmã!

— Charlotte, espera!

Dei as costas para ele e sai andando.



Lecilia

Capítulo

Três

Quando Henry me alcançou, eu estava em um canto do corredor no terceiro andar do prédio 3. Sabia que aquele canto da escola sempre ficava vazio naquele horário, pois ninguém tinha aula de Geografia ou História na sexta-feira de manhã.

Escorei as costas na parede e escorreguei até o chão. Sabia que o Caio não era o cara mais fofo ou romântico do mundo, mas não esperava que ele fosse fazer isso comigo, tão assim na minha cara. Era muita sacanagem! Se não fosse para levar a sério, para que tinha me pedido em namoro?

— Cecília?

Vi Henry no corredor andando até mim.

— Me deixa! Eu quero ficar sozinha. — Escondi meu rosto entre as mãos para que Henry não visse as minhas lágrimas. Mas eu estava tremendo e soluçando; não adiantaria de nada esconder meu rosto se o restante do meu corpo me delatava.

— Sei que você está chateada, mas não liga, não! O Caio é um babaca. — Colocou a mão no meu ombro e eu o encarei antes de voltar a chorar.

— Achei que ele gostasse de mim...

— Qualquer cara legal gostaria de você, Ceci. Ele é que é um idiota.

— Quer que eu volte lá e quebre todos os dentes dele? — Charlotte apareceu no corredor.

— Bater nas pessoas não resolve as coisas, irmã. Não é certo.

— Tem certeza? Ainda posso amaciar os meus dedos na cara dele.

— Charlotte... — Henry olhou para ela receoso, com medo do que a namorada poderia fazer, o que eu também tinha.

— Não quero que se encrenque com o diretor por minha causa e logo no último dia de aula.

— O diretor vai entender. — Ela deu de ombros.

— Não vai, não. — Henry cruzou os braços.

— Ei, é para você ficar do meu lado!

— Deixa para lá, Charlotte. — Eu me levantei secando as lágrimas com as costas das mãos.

— Não vou deixar nada.

— Você pode até me bater, mas primeiro quero entender o que está acontecendo. — Caio caminhou até nós cabisbaixo e com as mãos dentro dos bolsos. Eu teria ficado com dó dele se não tivesse tão triste.

— Cara, você *tá* só se complicado. — Henry balançou a cabeça em negativa.

— Eu vou quebrar você! — Charlotte impulsionou o corpo na direção dele, porém Henry a segurou pelos ombros.

— Será que vocês dois podem me deixar conversar com ela? — pediu Caio a Charlotte e a Henry.

— Não vai rolar. — Minha irmã rosnava para ele como um cão feroz.

— Podem ir. — Olhei para os dois.

— Não precisa conversar com ele, Cecília. — Henry me deu um sorriso gentil.

— Ele não vai fazer nada comigo, podem ir.

Charlotte me observou de cima a baixo; queria ter certeza de que eu ficaria bem. Na minha ingenuidade, achava que nada poderia ficar pior.

— Qualquer coisa, é só gritar.

— Tudo bem. Obrigada.

Charlotte e Henry deram as mãos e se afastaram, desaparecendo assim que viraram na esquina do corredor.

— Pode até bater em mim, mas primeiro quero entender o porquê. — Ele tirou as mãos dos bolsos e cruzou os braços, encarando-me de peito estufado.

— Sério, Caio? — Revirei os olhos.

— Ah, para, *né*? Eu só *tava* conversando com elas. Você e a Charlotte são histéricas.

— Histéricas? — Eu ri para não chorar. — Eu não converso com outros caras com eles colocando a mão em mim. Imagine se eu fizesse o mesmo? Quem seria o histérico? — Minha voz soou carregada de ironia.

— Eu... Não teve nada demais, Ceci...

Arregalei os olhos. Ele só podia estar de brincadeira.

— Você é meu namorado, puxa!

Eu não acredito que ele esteja tratando isso como qualquer coisa à toa... Ele só podia estar brincando comigo. Cravei minhas unhas nas palmas das mãos e segurei o choro. Não conseguia acreditar no que ele estava dizendo.

— Você não liga *pra* mim, *né*? — Tirei a minha aliança de compromisso e joguei no chão com toda a raiva que estava sentindo dele.

Balancei a cabeça em negativa e saí antes que ele pudesse me responder. Tive medo do pior. Eu deveria ter entendido desde meu primeiro dia naquela escola que o Caio não era o tipo de cara para mim. Nem a Charlotte tinha paciência com ele e os dois tinham nascido no mesmo mundo.

— Cecília!

Saí andando e ele não veio atrás de mim. Isso me deixou ainda mais chateada.



Charlotte
Capítulo

Quatro

— O Caio pisou na bola e feio. — Henry se escorou na parede do corredor e olhou *pra* mim.

— Se eu fosse a Cecília, daria um tapa bem no meio da fuça dele. — Cerrei os dentes. Estava muito furiosa.

— Daria na minha? — Ele estremeceu.

— Se você fizesse isso comigo? Talvez. — Ergui o queixo.

— Bom que eu fico esperto. — Ele riu. Entendi que estava brincando comigo e deixei *pra* lá.

Cecília passou por nós no corredor esfregando os olhos e eu a segui.

— Irmã, espera! — Segurei-a pelo pulso.

— Me deixa, Char!

— Espera! O que ele disse?

— Nada que valha a pena repetir.

— Vou lá dar na cara dele!

— Não. — Cecília soluçou. — Deixa *pra* lá. Não vamos arrumar confusão por causa disso, mas não tenho mais um namorado. — Ela se segurou *pra* não voltar a chorar.

— Vai arrumar outro cara mais legal do que ele.

— Será? — Suspirou.

— Tenho certeza, Ceci. — Fiz carinho nos ombros dela.

— Eu vou para o prédio da biblioteca, *tá*?

— Mas e o amigo secreto?

Ela abriu a mochila pegou um embrulho bonito e delicado e entregou para mim.

— Desculpa, não *tô* no clima. Tinha pensando em outras coisas para dizer, mas eu tirei você. *Tô* muito feliz por sermos irmãs. Obrigada por ter virado a minha melhor amiga.

— Ah, Ceci! — Ergui o presente e a abracei. — Muito obrigada! Você também é uma amiga muito especial para mim.

— Até mais tarde. — Ela ajeitou a mochila no ombro e saiu andando.

Eu a observei se afastar pensando se não deveria ir atrás, porém imaginei que talvez ela precisasse ficar sozinha um pouco.

— O que vamos fazer? — Henry se aproximou e colocou a mão no meu ombro.

Virei *pra* ele e torci os lábios como a carinha triste de um emoticon.

— Acho que voltar para a sala. O pessoal já deve ter começado a festinha.

Henry assentiu e caminhamos em silêncio até a sala no prédio 2, onde estava agendada a primeira aula.

Assim que chegamos na porta, Katarina me puxou pelo pulso e saiu me arrastando para um canto.

— Ah, oi, Kat! Tudo bem?

— Onde você *tava*? — Ela quase me empurrou contra a parede com força.

— Conversando com a minha irmã.

— Então, tem algo pegando entre ela e o Caio? Sabia!

— Ei, eu não disse nada. — Cruzei os braços.

Por mais que Katarina dissesse que era minha melhor amiga desde que éramos bebês, não sabia se ela era a pessoa perfeita para eu contar sobre o que tinha acontecido com a minha irmã. Principalmente porque a Kat tinha levado um tempo para aceitar a Cecília.

— Vi o Caio ir embora todo bolado e agora a sua irmã não está com você. Tem tempestade no paraíso?

— Eles não estão bem. É tudo o que eu posso dizer.

— Que m... — Ela mordeu os lábios.

— Deixa eles, Kat! Promete não se meter?

— Em quê? Nem lembro mais do que estávamos falando.

— Gente! Vamos revelar o amigo secreto? — Letícia caminhou até o centro da sala chamado a atenção de todo mundo.

Enquanto nos divertimos durante a revelação, eu me esqueci um pouco da raiva que estava sentindo do Caio e da preocupação com a minha irmã. Ela costumava ficar bem dentro de uma biblioteca.

Quando chegou a vez do Caio, era Arthur quem tinha tirado ele, mas como o Caio não estava, seguimos com a brincadeira até descobrirmos quem ficaria sem presente e no fim todo mundo encontrou seu amigo secreto. Não foi difícil chegar à conclusão que Caio tinha tirado a minha irmã. Teria sido romântico se ele não tivesse pisado tão feio na bola.



Lecilia

Capítulo

Cinco

Aquele tinha tudo para ser o dia mais feliz da minha vida. Desde que papai tinha falado que visitaríamos a Inglaterra, eu praticamente contava os dias no calendário, mas ontem o Caio tinha jogado a minha felicidade no chão. Havia alguns meses que estávamos namorando e eu achava que ele gostava de mim assim como eu dele, mas pelo visto eu estava errada.

Não participei da revelação do amigo secreto, preferi evitar o rosto dele por enquanto. Porém, de noite, quando eu já estava em casa, ele começou a mandar mensagens e eu não respondi. Quando dei por mim, peguei no sono de tanto chorar.

Acordei com o despertador tocando e peguei o celular no criado-mudo. Havia mais de vinte mensagens dele e nem me dei ao trabalho de ler, marquei logo como lida e deixei o celular virado para baixo.

Eu me arrastei para fora da cama e fui tomar um banho. Ainda não acreditava que tinha um banheiro só para mim. Desde que vim morar com o papai, tinha muitas coisas só minhas, apesar de, às vezes, sentir falta da vida simples que levava com a minha mãe, principalmente porque não incluía um segurança na minha cola toda vez que eu colocava o pé para fora de casa.

Saí do chuveiro secando o cabelo na toalha e vesti as roupas que havia separado há mais de um mês. Sabia que em Londres seria verão, mas tinha separado algo que me mantivesse aquecida, já que Charlotte falava tanto das chuvas fora de época.

— Cecília? — Mamãe bateu na porta. — Posso entrar?

— Pode sim!

Ela abriu a porta e entrou devagarinho até fechá-la e sentar na minha cama. Então, apoiou as mãos nos joelhos antes de me encarar.

— Você parecia tão tristonha ontem e ainda parece.

— Não é nada não, mãe. — Girei um gorro entre os dedos me perguntando se não seria exagerado usar um.

— Sabe que eu conheço você bem, mocinha. É por causa daquilo que a sua irmã falou? Você estava tão empolgada com a viagem e agora nem parece que vamos para o aeroporto daqui a algumas horas.

— Não foi a Charlotte não. Ela até me pediu desculpas antes da aula ontem. Estou empolgada sim.

— Então, o que foi? — Mamãe bateu na cama ao lado dela. — Sabe que estou aqui para quando quiser conversar, pipoquinha. Me diz o que está acontecendo.

— Ah, mãe! — Senti um aperto no peito e meus olhos encheram-se de lágrimas outra vez.

— Oh, filha! — Ela se levantou e me deu um abraço. — O que aconteceu?

— Eu e o Caio terminamos. — Afundei meu rosto no peito dela, chorando tudo o que havia segurado para não chorar.

— Oh, filha, eu sinto muito. — Ela me beijou no alto da cabeça. — Ele terminou com você? Achei que gostassem um do outro.

— Não! Ele não terminou comigo. Mas eu preferia que ele tivesse feito. Ele é um galinha mimado. Estava na cara que não ia dar certo.

— Bom, seu pai também era assim. — Ela riu.

— Mas o Caio é diferente. Ele não *tá* nem aí para mim. Quando eu cheguei na escola ontem, ele estava *mó* de papo com as meninas do segundo ano e uma tocou nele como se fossem *superíntimos*.

— Foi isso o que aconteceu?

— Sim, ele é um idiota!

Mamãe respirou fundo e me encarou profundamente.

— Você conversou com ele?

— Ele só piorou tudo, mãe. — Ergui meus olhos marejados e a encarei enquanto soluçava.

— Eu sinto muito, filha. Mas não se preocupe com isso agora. O cara que tiver que ser seu, será.

— Tipo o papai que esperou por você durante quinze anos?

— Isso mesmo. Que tal apagar essas lembranças e pensar que vamos para Londres?

Abri um sorriso e a abracei apertado. Não podia deixar que o que o Caio havia feito apagasse aquele momento de felicidade na minha vida. Se ele não era o cara certo *pra* mim, tudo bem; ia fazer meu coração entender isso. Meu mundo não tinha que acabar, tinha? Claro que falar era muito mais fácil e ainda doía muito, mas eu ia lidar com isso.

— Já está pronta?

Fiz que sim.

— Então vamos descer. — Mamãe me estendeu a mão.



Charlotte
Capítulo

Seis

Terminei de pentear o cabelo, jogando uma mecha preta para o lado enquanto meu celular vibrava tanto sobre a penteadeira que era como se estivesse tendo convulsões. Tive uma vaga esperança de que fosse o Henry me desejando boa viagem, mas quando olhei para o visor, eu bufei. Fala sério! Peguei o aparelho e respondi uma das dez mensagens.

Charlotte ??

Vai dormir, Caio! ?? São sete da manhã, de um sábado. ?? Se eu não tô te respondendo é porque não estou a fim. Já pensou nisso? ??

♠ Caio ♦

Sua irmã não me responde. Você é a única pessoa que pode convencer ela a falar comigo.

Charlotte ??

Foi ela que teve que me convencer a não te mostrar uns golpes novos ????

♠ Caio ♦

Para com isso, Char! Nós somos amigos... Você me conhece.

Charlotte ??

Por isso mesmo! Você nunca parou com uma garota só. Eu não devia ter deixado a minha irmã namorar com você. Agora tenho que ver ela de coração partido por causa de um babaca.

♠ Caio ♦

Pera lá! Não me ofende ??

Charlotte ??

Ah, Caio, dá um tempo! Eu estou de férias, eu vou viajar com a minha família. Vê se para de encher ou vou te colocar na minha lista de bloqueio.

♠ Caio ♦

Para com isso, Char! Eu preciso conversar com a Cecília. Ela entendeu tudo errado. SABE QUE EU GOSTO DELA!!! Somos amigos, me ajuda, por favor!

Charlotte ??

Acha mesmo que eu vou ficar do seu lado? Você pisou na bola feio. Boas férias pra vc.

Fechei a conversa e parei de responder pois Caio tinha o seu histórico. Se achava que eu ficaria do lado dele ao invés do da minha irmã gêmea, estava muito enganado.

O celular vibrou outra vez, porém não era mais o Caio. Ao ver a foto do Henry, eu sorri.

Henry ??

Oi, Char! O Caio não para de me encher o saco! E olha que nós dois nunca fomos amigos.

Charlotte ??

Bom dia para você também! ?? O que ele quer? Que você convença a Cecília a falar com ele?

Henry ??

Exato! Já disse para ele que não vai rolar. Agora *tá* fazendo o maior drama.

Não acho que temos que nos meter, sabe? Esse assunto é entre os dois. Deixa a Cecília responder ele quando estiver disposta.

Charlotte ??

Isso mesmo!

Acho que essa viagem vai fazer muito bem pra ela.

Henry ??

Que horas vocês vão?

Charlotte ??

Daqui a pouco.

Tenho que terminar de me arrumar.

??

Henry ??

Boa viagem, amor! ????

Guardei o celular na minha bolsa de mão e coloquei um moletom com a bandeira do Reino Unido que havia ganhado da minha avó quando ainda falávamos com ela. Depois que o papai descobriu que ela sabia todo esse tempo que a minha mãe estava viva e escondeu dele, meio que tinha criado uma regra quanto a se aproximar dela: só o mínimo possível. Eu não sabia por que ela tinha feito isso, mas não conseguia guardar raiva. Era a minha avó, afinal.

Peguei as minhas coisas e a alça da minha mala de rodinhas para descer até a sala. Assim que cheguei lá, vi meu pai de pé olhando para o relógio com a testa franzida.

— Onde estão sua mãe e irmã? Vamos acabar nos atrasando.

— Estamos aqui! — anunciou minha mãe enquanto ela e Cecília desciam as escadas para se aproximar de nós.

— Prontas para ir? — Meu pai pegou uma pequena mala da mão dela. — Deixa que eu levo isso para você, meu amor.

— Vitor, estou grávida e não doente. Posso carregar uma valise sozinha. — Ela pegou de volta.

Meu pai fechou a cara, porém não disse mais nada.

— Vamos! — Saltitei até a porta.

— Está animada, filha? — perguntou minha mãe.

— Sim! Vai ser bom fazer uma viagem em família. — Pisquei para Cecília.

— Obrigada, Char! — Ela me deu um sorriso gentil.

Seguimos até o carro e meu pai ajudou o motorista a guardar o restante das nossas malas. Nos acomodamos no banco de trás com a minha mãe e o meu pai sentou no banco do carona ao lado do motorista.



Lecilia

Capítulo

Sete

Seguimos até o aeroporto que ficava quase uma hora de distância da nossa casa. Eu só estive nele uma vez quando fui para a final do prêmio de Ciências que eu havia ganhado no ano passado.

Era quase impossível não ficar admirada com o lugar que parecia um grande shopping. Fizemos o *check in* e despachamos as bagagens no guichê da empresa aérea. Depois, seguimos até a sala de embarque.

Eu estava atenta a tudo, olhando em todas as direções, para todos os cantos, admirada com a área de embarque internacional do aeroporto. Havia vários produtos internacionais nas lojas, mas os preços eram em dólar.

Sentamos em alguns bancos diante do nosso portão de embarque e fiquei observando, através das paredes de vidro do lugar, o sol tomando a pista de pouso aos poucos.

— Filha, isso é para você. — Meu pai me entregou uma caixa com um laço branco.

— O que é isso? — Ergui as sobrancelhas.

— Abra.

Deixei minha bolsa na cadeira vazia ao lado e abri o presente. Dentro dele, havia um pedaço de plástico roxo e metálico. Um cartão de crédito com o meu nome seguido pelo sobrenome do meu pai. Eu ainda não tinha me acostumado a assinar Donelli. Quando nasci, minha mãe achava que meu pai tinha abandonado

a gente e eu não tinha nome de pai na minha certidão de nascimento. Mas papai tinha se dado ao trabalho de corrigir meu registro civil e incluiu o sobrenome dele no meu.

— Para que um cartão de crédito, pai?

— Para você poder fazer suas compras. Pode cadastrar a senha e desbloquear por um aplicativo no celular.

— Acha isso necessário, Vitor? — Minha mãe fechou a cara, não muito contente. — Ela só tem quinze anos. Ensinei educação financeira para ela a vida toda e, agora, você vem e dá um cartão de crédito sem limite para ela.

— Tem limite, sim. — Ele deu de ombros. — Acho justo, já que a Charlotte tem um desde os oito anos. De mais a mais, se ela aprendeu educação financeira, não teremos problemas.

— Não vão tomar o meu cartão, *né*? — Minha irmã abraçou a bolsa.

Mamãe apenas balançou a cabeça em negativa, mas não disse mais nada. Porém isso soou para mim como um: *Tome cuidado com o presente, Cecília.*

— Obrigada, pai. — Sorri ao guardar o cartão ao lado da poupança que minha mãe havia aberto para mim quando eu tinha feito dez anos, me ensinando a economizar o que recebesse. Lá também estava o dinheiro que eu havia ganhado na feira de ciência que eu participei.

— Por nada, filha. — Fez carinho no meu ombro.

Eu sentia que meu pai estava em constante conflito sobre o que poderia me dar ou não, mas o que talvez ele não soubesse era que tudo o que eu precisava para compensar os anos que não estivemos juntos não era o dinheiro dele, mas o seu carinho.

— Está na hora! — Charlotte se levantou assim que o número do nosso voo apareceu no painel sobre o portão de embarque.

Com as passagens nas mãos, seguimos até a mulher que conferia e entramos no avião. Nossos assentos eram na primeira classe e o meu ficava do lado da janela. A poltrona era grande e confortável, como aquelas que ficam na nossa sala.

O piloto em pessoa veio até nós e cumprimentou meu pai com um aperto de mão.

— Tenham uma ótima viagem, família Donelli.

— Muito obrigada, senhor. — Minha mãe sorriu para ele.

Reparei nele: as asas douradas no peito, o uniforme e o quepe branco muito bem alinhados. Eu nunca tinha pensado em ser uma pilota antes, porém, diante dele, pareceu interessante.

Eu me ajeitei na poltrona balançando as pernas e me debrucei na janela observando o aeroporto. O sinal para afivelar o cinto apareceu no painel e eu obedeci.

Seria uma viagem de mais de doze horas, ainda bem que tinha uma televisão para cada poltrona.

— Eu trouxe amendoim, quer um pouco? — Charlotte, que estava sentada do meu lado, tirou da bolsa um pacote laminado e ofereceu para mim.

— Não estou com fome agora.

— Ainda está bolada com o Caio? — Ela pegou um pouco e jogou na boca.

— Sim, bloqueei ele. Passou a noite inteira me mandando mensagens, mas

não quero ler. Estou muito chateada e ele acha que não fez nada. Não quero discutir. — Cocei os olhos quando senti eles começarem a arder, não queria chorar de novo.

— Ele é um babaca. — Charlotte voltou a mastigar os amendoins.

— Deveria ter entendido desde o início que ele não era para mim.

— Relaxa, Ceci! Você vai encontrar outro cara melhor. Tenho certeza!

É... Suspirei olhando pela janela do avião enquanto observava ele levantar voo.

Cerca de treze horas depois, descemos no aeroporto de Heathrow. Eu olhava de um lado para o outro, encantada, enquanto passávamos pela alfândega e seguíamos para a área de desembarque. Eu tive a sensação de que os empregados chamavam meu pai pelo nome, porém achei que fosse algum delírio meu. Ele não seria tão conhecido, seria?

— Bem-vinda à Londres, irmã! — Charlotte me deu um abraço apertado enquanto aguardávamos as nossas bagagens nas esteiras rolantes.

— Obrigada, Char!

Minha irmã estava se esforçando para me deixar mais feliz e eu estava muito contente com isso. Charlotte havia sido assustadora nos meus primeiros dias na escola, mas depois que descobrimos que éramos irmãs, percebi que ela apenas defendia os seus e a si mesma com unhas e dentes. Ri ao pensar que Caio deve

ter tremido na base com as ameaças dela. Às vezes, eu gostaria de ser tão corajosa e valente quanto a minha irmã gêmea. Era como se tudo permanecesse bem porque ela não tinha medo de nada. Ao menos tinha ela para me proteger e isso era bom.

— Vamos, meninas! — chamou meu pai ao colocar a última mala em um carinho.

Eu e Charlotte seguimos sorridentes até o estacionamento onde meu pai fez sinal para um táxi. O carro, ao contrário do que víamos no Brasil, era preto e redondinho. Me lembrava um besouro. Meu pai e o motorista guardaram as malas e seguimos para o hotel.

— Ai, vai bater! — Coloquei as mãos sobre o rosto quando vi um carro vindo em nossa direção.

— Calma, Ceci! — Charlotte gargalhou ao puxar minhas mãos dos meus olhos. — Aqui a mão é invertida. Nós estamos na pista da esquerda, olha! — Ela apontou para a pista e eu percebi que, os carros que tive a sensação que bateriam em nós, ocupavam a faixa da direita e nós estávamos na da esquerda.

Eu sabia que a mão lá era diferente, até porque não estranhei o motorista sentado do lado esquerdo, porém não conseguia deixar para lá a terrível impressão de que os carros no sentido oposto viriam para cima de nós. Levou alguns minutos até que me acostumasse com isso.

Tombei contra a janela do táxi e preguei minha testa no vidro. Olhava para tudo, admirada. Durante o percurso, eu não vi a Câmara dos Lordes — que tem a torre com o Big Ben —, nem o *London Eye* ou a famosa ponte de Londres. Porém, vi uma construção que parecia com os templos gregos, que antigamente funcionava como um banco e que fora transformado em um museu. Vi também o Museu de Londres.

— Uau!

— Limpa a baba, irmãzinha.

Cerrei os dentes e olhei torto para Charlotte, que gargalhou.

— Meninas! — minha mãe nos recriminou.

— Chegamos, senhor — avisou o motorista em inglês. O meu esforço para aprender aquela língua e os vários anos de estudo iam valer a pena.

Meu pai pagou e descemos do táxi. Um empregado do hotel veio e colocou as malas em um carrinho. Seguimos o meu pai até a recepção e aguardamos sentadas em um sofá enquanto ele fazia o *check in*.

— Aqui está. — Entregou um cartão para mim e outro para a Charlotte. — Os quartos de vocês duas são de frente para o nosso. E nem pensem em sair sem nos avisar!

— Papai, esse é um hotel, não uma prisão de luxo. — Charlotte cruzou os braços.

— Não adianta fazer drama, mocinha. — Ele a fitou, sério. — Eu não esqueci do que aconteceu com a sua irmã no início do ano. Você esqueceu? De mais a mais, vocês duas só têm quinze anos e estamos muito longe de casa.

Charlotte e eu engolimos em seco. Senti um calafrio ao me lembrar do sequestro. Bom, papai tinha razão. Ele não queria que corrêssemos riscos.

— Podemos subir? — Charlotte balançou o cartão.

— Pode, sim — ele assentiu.

— Vamos, Ceci! — Ele me puxou pelo braço e nós nos desvencilhamos de

um casal de hóspedes pelo caminho até chegarmos ao elevador.

— Desculpa, senhora! — disse em inglês.

Charlotte não me deixou esperar a resposta dela.

— Nossa! Está com vontade de ir ao banheiro?

— Não. — Ela ergueu uma sobrancelha. — Por que a pergunta?

— Você está tão apressada. — Entramos no elevador assim que ele abriu.

— Quero ligar para o Henry.

— Ah! — Senti o sorriso no meu rosto desaparecer. Não queria que a minha irmã entendesse mal a minha súbita tristeza. Gostava muito de ver ela e o Henry juntos. Eles formavam um lindo casal além de o Henry ser um garoto muito legal. Porém a felicidade deles me lembrou do meu namoro fracassado.

O elevador abriu e seguimos em silêncio até a porta dos nossos quartos. Era um ao lado do outro e, assim que Charlotte passou o cartão magnético na fechadura, voltou a sorrir para mim.

— Qualquer coisa estou aqui do lado, irmã. — Fechou a porta.

Fiquei alguns minutos olhando para o corredor até que respirei fundo. Assim que passei o cartão por um painel na fechadura, uma luz verde acendeu e eu girei a maçaneta. Havia um lugar ao lado da porta para deixar o cartão e, quando o inseri no painel, a luz do quarto acendeu. Achei tudo aquilo muito chique, era mais tecnologia do que eu estava acostumada. Mesmo no meu quarto na mansão em que vivíamos, o interruptor era como qualquer outro.

A cama era enorme, havia um sofá e uma televisão, porém o que mais me chamou atenção foi a parede de vidro, parcialmente coberta por cortinas.

Cheguei mais perto e afastei o tecido, ficando boquiaberta com a vista. Lá embaixo, eu consegui ver a rua e os carros passando de um lado para o outro. No horizonte, pude ver o belo contraste entre os prédios muito modernos que ficavam ao lado de edifícios com arquitetura pertencente há séculos anteriores. Eu poderia passar um dia inteiro só olhando...



Charlotte
Capítulo

Oito

Joguei minha bolsa de mão sobre uma mesinha e soltei meu corpo na cama. Estava exausta. Se o destino não fosse tão recompensador, eu odiaria viagens tão longas como aquela.

Peguei meu celular e disquei o número do Henry. Ele atendeu logo após a segunda chamada e pude ouvi-lo bocejar.

— Oi, amor! Como foi a viagem?

— Foi tudo bem. Já estou no hotel. Você estava dormindo?

— São duas da manhã aqui. — Ele demorou a responder, imaginei que tivesse consultado algum relógio. — Mas acabei de deitar... Estava jogando videogame. Saiu um novo jogo de samurais, chama Nioh. Você precisa ver só, Char! É tipo uma aula de História do Japão, pois é baseada na vida do samurai ocidental histórico William Adams, primeiro inglês a chegar no Japão...

— Achei que sua avó já te desse muitas aulas sobre a História do Japão. — Ri.

— Minha vó só sabe sobre a Segunda Guerra Mundial. — Ouvi ele bufar do outro lado da linha.

Gargalhei.

— Estou com saudades... — Afundei minha cabeça nos travesseiros.

— Queria ter ido com você, mas disse que eu não podia.

— É... — Lamentei um tanto arrependida.

— Mas como estão as férias em família?

— Ela ainda mal começou, mas a Cecília parece bem empolgada. É bom ela deixar o Caio um pouco para lá.

— Por falar nisso, ela bloqueou ele?

— Acho que sim.

— Deve ser por isso que ele *tá* um pouco surtado. Não imaginei que fosse dizer isso de um cara como ele, mas acho que está arrependido, Char.

— Sério, Henry? — Revirei os olhos e deixei a cabeça cair para fora da cama.
— Você *tá* com dó dele?

— Sei lá, só pareceu que ele realmente gosta da Cecília, por mais idiota que ele seja. Um cara que sempre teve a menina que quisesse não iria ficar tão desesperado como ele está.

— Acho que ele está desesperado justamente porque sempre teve a menina que quis... Sabe, Henry, o Caio pode até ser meu amigo, mas eu não confio tanto nele. Não quero que ele machuque mais a minha irmã, entende?

— Sim, eu concordo com você. A Cecília é minha amiga, só acho que eles tinham que conversar. Se eu tivesse metido o pé pelas mãos e você não quisesse mais falar comigo, eu também estaria desesperado.

— Você não ia fazer isso, Henry. — Respirei aliviada ao me lembrar de que o meu namorado, ao contrário do ex da minha irmã, não era do tipo que flertava com todas as meninas por aí.

— Não, é claro que eu não faria. Mas, sei lá, só tentei me colocar no lugar

dele. — A voz dele era penosa no outro lado da linha. Achava fofa a forma como Henry se preocupava com as outras pessoas e isso o tornava um garoto ainda mais especial, mesmo que Caio não merecesse.

— Vamos passar duas semanas aqui. Talvez, quando voltarmos para o Brasil, eles possam conversar. A Cecília sonhava com essa viagem. É a primeira vez que eu, papai, mamãe e ela estamos juntos, não quero estragar isso enchendo a paciência dela por causa do Caio.

— Você tem razão. Mas eu também estou com saudades.

Abri um largo sorriso e girei na cama, observando Londres pela parede de vidro do quarto.

— Também estou.

— Tem certeza que eu não posso ir *pra* aí? Posso pegar o primeiro voo de manhã.

— Esqueceu que você só tem quinze anos? — Fiz careta, ainda que ele não pudesse vê-la. — Não pode viajar sem a autorização dos seus pais.

— Eu tenho certeza de que, se importunar a mamãe, ela deixa.

— Podemos ficar alguns dias longe um do outro.

— Táaaa... — Suspirou, derrotado.

— Agora, vou desligar. Preciso tomar um banho.

— Até mais, Char.

Levantei da cama e fui até o banheiro. Um banho demorado e quente de banheira faria com que eu relaxasse após a longa viagem. Meu celular vibrou

antes que eu tirasse a roupa e abri um sorriso ao ler a mensagem.

Henry ??

Amo vc, gatinha! ????



Lecilia

Capítulo

Nove

Engoli o choro enquanto passava o dedo para o lado na tela do meu celular e apagava mais uma das minhas fotos com o Caio. Foi triste lembrar da memória que aquela imagem despertava em mim. Nela, Caio e eu estávamos no alto de uma roda gigante, no dia que havíamos ido ao parque de diversões juntos. Ele era um palhaço quando queria e isso arrancou de mim muitas gargalhadas naquele dia. Ainda me lembrava dele passando sorvete no meu rosto e dando beijinhos na minha bochecha para *limpar*.

Joguei o celular para o lado quando não consegui ver mais nenhuma foto. Por que ele tinha feito aquilo? Durante os três meses em que namoramos, eu realmente acreditei que ele gostasse de mim. Sentei na cama e abracei os joelhos. Torcia para que a Charlotte estivesse certa e eu realmente encontrasse outro cara e logo, porque doía muito pensar no Caio.

— Cecília, filhinha, sou eu. — Ouvi a voz da minha mãe seguida por duas batidas na porta.

Levantei para abrir e voltei para cama.

Ela entrou com um sorriso nos lábios, porém esse se apagou assim que olhou para mim.

— Que foi, pipoquinha? — Sentou ao meu lado e me envolveu em seus braços.

Eu não queria, mas acabei chorando.

— Ainda triste por causa do Caio? — Beijou no alto da minha cabeça.

Fiz que sim ao encará-la em meio a um soluço.

— Oh, meu amor, vai ficar tudo bem.

— Vai mesmo? Dói demais, mãe. Eu gosto muito dele. Achei que ele também gostasse de mim, não sei por que ele fez isso.

— Calma, querida. — Afagou os meus ombros. — Ele disse para você que não gosta?

— Não, não disse. Mas estava lá flertando com aquelas meninas.

— Acho que vocês precisam conversar, meu amor. Me parece um grande mal-entendido.

— Tentei conversar com ele, mamãe. Juro que tentei! Mas ele só disse um montão de abobrinhas que piorou tudo.

— Eu posso pedir uma coisa?

— Claro, mamãe!

— Vamos aproveitar a viagem que você sempre sonhou. Deixa esse menino um pouco de lado, aproveite da companhia do seu pai e da sua irmã. Quando voltarmos ao Brasil, tenha uma boa conversa com ele.

— Não sei se quero...

— Precisa esclarecer tudo, Cecília. Colocar os pingos nos is.

Soltei o ar desanimada.

— *Tá bem.*

— Aí, ou ele entra nos eixos, ou vai ver a fúria de uma mãe-tigre! Quero ver se vai ter coragem de magoar minha joaninha de novo!

Ri.

— Achei que era onça...

— Dá no mesmo!

— Isso não parece muito bom. — Encolhi-me contra o peito dela.

— Quer conhecê-la? — Ela cerrou os dentes e rosnou.

— Não. — Gargalhei.

— Vamos tomar café. O deste hotel parece maravilhoso. Depois, seu pai precisa ir à filial da empresa, mas pensei que você, Charlotte e eu poderíamos ir ao Museu de Cera, o que acha?

— Iria ser incrível! — Levantei da cama num salto e abri um sorriso. — Mamãe? — Eu a segurei pelo pulso e a fiz parar no meio do caminho até a porta.

— Sim, querida?

— Você e o papai parecem tão diferentes. Como deram certo juntos?

Ela colocou a mão sobre a barriga que já estava bem redonda e suspirou.

— O amor que sentimos um pelo outro sempre foi maior do que tudo.

Voltei a sorrir e dei a mão a ela para que descêsemos juntas até o restaurante do hotel. Esperava que, um dia, eu também vivesse um grande romance como o da mamãe e do papai.

Chamamos Charlotte no quarto dela e, quando chegamos ao restaurante, meu

pai estava em uma mesa comendo um prato caprichado de ovo e bacon. Eu fiz uma careta e ele riu.

— Quando eu morava em Chicago, meu café da manhã era assim todos os dias — comentou quando eu puxei uma cadeira e me sentei ao lado dele.

— Parece quase um almoço.

— Charlotte não me deixava dormir, precisava repor minhas energias de alguma outra forma.

— Achei que babás cuidassem dela. — Olhei para o tanto de taças que havia para cada um de nós e achei um grande exagero.

— Não. Fiquei com a sua irmã o máximo de tempo que eu pude. — Acariciou o ombro dela e Charlotte sorriu. A ligação entre eles parecia tão forte quanto a minha com a mamãe.

— Vou pegar frutas para mim. — Levantei da mesa e fui fazer meu prato.

Peguei um garfo de maneira meio estabanada e acabei deixando-o cair no chão. Céus! Sou estabanada demais para uma pessoa só. Assim que me curvei para pegá-lo, vi um par de sapatos pretos e outra mão foi mais rápida que a minha.

— *Deixe-me pegar isso, senhorita.* — O sotaque era forte e eu, com meu inglês americanizado, percebi a forma como ele arrastava e enfatizava algumas letras.

Ergui a cabeça para encará-lo por puro reflexo e tomei um susto. Um ótimo susto ao notar os olhos profundos, com um misto de azul e cinza, que me olhavam de volta. Ele tinha cabelos pretos bem cortados e alinhados, assim como o uniforme que vestia.

— *Obrigada!* — agradei pelo garfo limpo que ele me entregou de volta.

— *Ao seu dispor, senhorita.*

— *É sempre tão gentil com as hóspedes?* — Eu e a minha boca grande. Era a pergunta mais idiota que poderia ter feito. É óbvio que ele é gentil, sua tonta! É o trabalho dele, briguei comigo em pensamentos.

— *Apenas com as mais bonitas.*

Minhas bochechas coraram imediatamente e senti meu rosto arder como se tivesse ficado dias no sol sem protetor solar.

— *É um prazer conhecê-la, senhorita.*

Abaixei o olhar e li o nome que estava em sua camisa.

— *É um prazer conhecê-lo, James.*

— *Se precisar de mais talheres, já sabe a quem pedir.*

— *Ok!* — Senti as minhas pernas bambas enquanto ele se afastava e quase deixei o prato que eu segurava cair também.

Terminei de servir a minha porção de frutas enquanto percebia ele escorado na parede olhando para mim, nem disfarçando, fazendo com que aumentasse ainda mais o rubor no meu rosto.

Voltei para a mesa tremendo e me sentei ao lado da Charlotte. Imaginei que fosse me perguntar se estava tudo bem como sempre fazia, porém ela não tirou os olhos do celular. Nossos pais também estavam concentrados um no outro e não notaram o rubor do meu rosto.

A cada garfada no meu prato de frutas, eu olhava para James e ele me olhava

de volta. Assim que terminei de comer, ele pediu licença e retirou todos os pratos sujos da mesa como se estivesse apenas me esperando.

Levantei para pegar um suco no balcão onde ficavam as bebidas e ele me entregou um copo limpo. Eu tentava manter a compostura, enquanto algo dentro de mim dava gritinhos histéricos. Pensei em como a Roberta reagiria se o visse. Ela certamente o definiria em duas palavras: Deus grego! Um deus inglês para ser mais exata.

Se tinha alguma regra contra não ficar se encarando, nós definitivamente desrespeitamos todas elas. De pé ao lado da parede, ele me encarava e esperou que eu terminasse o meu café-da-manhã como se não tivesse nenhum outro hóspede naquele restaurante.

— Vamos? — Meu pai se levantou ajeitando a abotoadura do seu terno. — Tenho meia hora para chegar no escritório. — Olhou as horas no visor do seu celular e o colocou de volta no bolso da calça. — Aqui, eles não toleram atrasos.

— Vou com as meninas ao Museu de Cera, *tá*? — Mamãe se levantou.

— Tome cuidado. Tudo bem, Cíntia? — Ele deu um beijo carinhoso nela. — Se divirtam meninas e comportem-se.

— Nós nos comportamos, papai. — Charlotte se fez de santa.

— Nem quando você tinha seis anos. — Ele afagou a cabeça dela e saiu do restaurante.

Mamãe caminhou até a porta e eu e Charlotte a seguimos. Antes de deixar o lugar, senti os olhos de James me observando e virei para ele a tempo de ver seus lábios se moverem em um *bye*.

Suspirei antes de continuar andando atrás da minha mãe e irmã.



Charlotte
Capítulo

Dez

— Quem era aquele cara? — Encarei Cecília assim que entramos no táxi.

— Cara? — Mamãe ergueu uma sobrancelha. — Que cara, Cecília? — Cruzou os braços e me encarou.

Cecília mordeu os lábios e recuou contra o assento. Eu estava entretida demais trocando mensagens com o Henry para reparar no sujeito direito, apenas fiquei curiosa por ver Cecília conversando com alguém. Não queria que aquilo virasse um interrogatório...

— Era só um garçom. Deixei o talher cair e ele foi gentil comigo.

— Achei que conhecesse ele. — Voltei a mexer no celular.

— Não conhecia, mas o nome dele é James. Estava no crachá — completou para evitar quaisquer interpretações da minha parte.

— É bom sermos bem recebidas. — Mamãe sorriu.

— Sim. — Cecília suspirou. Senti que havia mais nele do que um simples garçom.

— Ele era bonito?

— Muito! — Cecília cobriu o rosto com as mãos e comecei a rir.

— Filha, não ia conversar com o Caio?

— Ah, mãe! — Eu a encarei. — Deixa o Caio para lá! Quem sabe a Cecília

não arruma um namorado inglês? O meu é japonês, seria divertido.

— O seu mora no Brasil e estuda na mesma escola que a gente. — Cecília torceu os lábios, irritada.

— Sei não... — Mamãe olhou torto, receosa. — Esses garçons não são caras velhos?

— Eu não sei a idade dele. — Cecília olhou para fora, parecia concentrada na rua, mas tudo o que ela queria era evitar o nosso olhar.

— Tome cuidado, *tá*, filha?

— *Tá* bom, mamãe.

Chegamos diante do museu e descemos do táxi. Cecília parecia distante e distraída. Fiquei sem saber se isso era bom, mas me pareceu ruim. Me arrependi de ter comentado algo. Talvez ver um cara bonito fosse exatamente o que a Cecília precisava para superar o Caio. Por mais que Henry tivesse ficado com dó dele, eu o conhecia desde que éramos crianças. Não colocaria o coração da minha irmã em jogo para provar a fidelidade dele.

O local estava bem movimentado, algumas pessoas tiravam fotos nas cabines telefônicas vermelhas que havia na entrada e Cecília entrou na fila para tirar foto também. Peguei meu celular e a fotografei em algumas poses. Aos poucos, o sorriso voltou para o rosto dela.

Henry mandou mensagem perguntando onde eu estava e eu respondi.

— Charlotte, vamos, filha. — Mamãe me empurrou pelos ombros para dentro do museu.

Assim que compramos nossos ingressos e entramos no lugar, Cecília correu eufórica entre os modelos de cera e eu escondi o meu rosto de vergonha.

Irmãzinha, sem mico alheio por favor, quis dizer, mas achei melhor ficar na minha.

— Michael Jackson, Beyoncé, Britney Spears! Tem até o Ed Sheeran. Quero foto com todos eles!

Mamãe riu e eu também.

Puxei o celular e mandei uma mensagem para o Henry.

Charlotte ??

A Cecília surtou! ??

Henry ??

?? Ela tá bem?

Charlotte ??

Sim. Só não para de tirar foto com os bonecos de cera.

Henry ??

Ah! Tira foto com o Cristiano Ronaldo para mim.

Charlotte ??

Fala sério! ??

Guardei meu celular de volta no bolso e segui com as duas para a próxima ala. Depois de a minha irmã tirar foto com a realeza inglesa, os Beatles e até

mesmo o Tom Cruise seguimos para a área de terror onde uns caras mais gatos do que assustadores tentavam nos amedrontar no que parecia um misto de trem fantasma com caverna do horror, com direito a monstros e cabeças cortadas.

O passeio terminou em uma sala de cinema 4D com cadeiras que balançavam e efeitos especiais. Depois, fomos a uma ala da Marvel em que a Cecília tirou mil fotos com o Hulk e a mamãe, com o Capitão América. Finalizamos o passeio em uma loja de presentes.

— Acha que a vovó vai gostar desses biscoitos? — Cecilia balançou o pote no ar.

— Por que ela iria gostar de uma lata com a cara do príncipe Charles e da mulher dele? — Mexi em uma pequena miniatura do Big Bem que estava em uma prateleira.

— O que vão comprar, meninas? — Mamãe se aproximou de nós. — O pai de vocês ligou. Ele quer que nos encontremos com ele para o almoço.

— Vou levar o pote de biscoitos para vovó. — Cecília mostrou língua para mim e seguiu para o caixa.

Logo que saímos do museu, pegamos um táxi para o restaurante onde nos encontraríamos com o meu pai.

— Charlotte, sai um pouco desse celular, filha — mamãe me recriminou assim que eu respondi uma mensagem de Katarina que queria saber como estavam sendo as minhas férias.

— Só estou respondendo *pros* meus amigos, mãe.

— Que tal se concentrar na gente um pouco?

— Tá bom, mãe. — Guardei o celular na bolsa.



Lecilia

Capítulo

Onze

Depois do almoço com o papai, voltamos para o hotel. O próximo passeio ficaria para o dia seguinte. Desde que deixamos o Brasil na manhã do dia anterior, mal havíamos dormido e, depois de várias horas no empolgante Museu de Cera de Londres, com direito a *selfies* com meus famosos favoritos e outros nem tão favoritos assim, eu estava exausta.

Assim que saí do banheiro secando os meus cabelos em uma toalha branca e macia, eu me atirei na cama *king size* de roupão mesmo. Puxei meu celular e vi algumas mensagens da Roberta.

Roberta_zinha ♥ :

Oi, amigah! Como você tá? Tem vários dias que a gente não se fala. E a viagem, tá curtindo?

Ceci*

Oi, Roberta.

Roberta_zinha ♥ :

Aeeee! ?? Finalmente respondeu.

Ceci*

Que horas são aí?

Roberta_zinha ♥ :

Do Estados Unidos para Inglaterra? Você está quase um dia na minha frente. ??

Ceci*

Exagerada! ??

Roberta_zinha ♥ :

Curtindo a Terra da Rainha?

Ceci*

Aqui é tão lindo! ?????? Posso ficar pra sempre?

Roberta_zinha ♥ :

E deixar o gatinho do Caio no Brasil?

Ceci*

Ah! Você ainda não sabe ?? . Eu e o Caio não estamos mais namorando.

Roberta_zinha ♥ :

Como assim?! ?? Morri ?? .

Ceci*

Não tenho sangue de barata. Ele tava flertando com outras meninas na escola e acabamos terminando. Acho que foi melhor assim ???? . Ele nunca foi o tipo de cara para mim mesmo.

Roberta_zinha ♥ :

Não diz isso amiga! Você é sensacional. Ele que foi um bobo de perder você. Deixa eu voltar para o Brasil. Vou dar naquela cara bonita dele. Vai ver só!

Ceci*

Você e a minha irmã... Sem agressão, por favor. ??

Roberta_zinha ♥ :

Já disse que a cada dia gosto mais dela? ??

Ceci*

Rummmm. Não começa.

Roberta_zinha ♥ :

Tá bom! Mas, quanto ao Caio, não esquenta. Vai achar alguém melhor.

Ceci*

Todo mundo diz isso. ??

Roberta_zinha ♥ :

Então pq é verdade ??

Ceci*

Por falar em alguém...

Roberta_zinha ♥ :

?? Lá vem ??

Conta tudo, Cecília Zanette Donelli!

Ceci*

Não é nada demais. Só tinha um garçom hoje no hotel que era um gato.

?????? Ele ficou olhando para mim.

Roberta_zinha ♥ :

E aí?

Ceci*

E aí nada. Eu saí com a mamãe e Char.

Roberta_zinha ♥ :

?? Aí, Cecília! Só você mesma.

Bom preciso ir. Meu namorado já tá vindo me buscar para irmos tomar um *milkshake*. Me mantenha informada sobre o seu garçom.

Roberta não respondeu mais e guardei meu celular. Fiquei olhando pela vista da parede de vidro do meu quarto até que senti um pouco de fome. Tudo bem que meu pai tinha falado para não sairmos do quarto sem que ele soubesse, mas eles estavam dormindo, provavelmente exaustos, e eu não queria atrapalhar o sono deles. Achei que não faria mal algum ir ao restaurante do hotel e voltar rapidinho. Imaginei que, na Inglaterra, tivesse pessoas mais ricas e importantes que o meu pai e isso me afastasse da atenção de bandidos.

Tudo bem, confesso que poderia ter pedido comida no quarto. Porém, eu tinha uma pontada de esperanças de encontrar aquele garçom outra vez. Como

Roberta costumava dizer, não tinha mal nenhum em desfrutar de alguns colírios uma hora ou outra. Além disso, Caio e eu não estávamos mais namorando e eu não precisava me preocupar com o que era certo ou não.

Desci do elevador diante do restaurante que ficava no primeiro andar. Havia uns garçons limpando as mesas do almoço e, então, eu o vi. Acenei para ele, que caminhou na minha direção. Meu coração parou de bater e senti as pernas ficarem bambas. *O que você está fazendo, Cecília? Deveria estar no seu quarto sendo uma boa menina.*

— *Olá, senhorita, em que posso ajudá-la?* — James sorriu e me derreti como um marshmallow na fogueira com o inglês dele.

— *Eu queria algo para beber, talvez algum aperitivo...* — respondi em inglês.

— *Já paramos de servir o almoço. Você pode pedir no serviço de quarto ou...* — parou no meio da frase e mordeu o lábio.

— *Ou?* — insisti por puro reflexo. Quando estava perto dele, não conseguia pensar em muita coisa a não ser admirá-lo.

— *Eu largo o meu turno em dez minutos. Se estiver disposta a esperar, posso leva-la ao Starbucks da esquina. Eles servem um frappuccino de chocolate magnífico.*

— *Não vou atrapalhar você?* — Encolhi meu corpo jogando os braços para trás.

— *Claro que não! Será um grande prazer.*

— *Tá.* — Eu balançava meu corpo de um lado para o outro, envergonhada. — *Vou buscar um casaco no meu quarto e já volto. Parece frio lá fora.*

— *É verão, senhorita. Vocês que vêm dos países tropicais não sabem o que é*

frio de verdade.

— *Vou buscar o casaco.* — Dei as costas e voltei para o meu quarto.

Peguei uma jaqueta jeans da mala e joguei sobre a minha camiseta rosa listrada. Coloquei em um dos bolsos o meu celular e, no outro, o cartão de crédito que meu pai havia me dado além de um punhado de libras, parte da quantia que minha mãe havia trocado comigo em uma casa de câmbio do shopping.

Quando voltei para a recepção, James estava sentado em um sofá esperando por mim. Ele não usava mais o uniforme. Ao invés disso, vestia uma jaqueta de couro e uma calça jeans azul. Seus cabelos pretos escorriam algumas gotas de água, como se tivessem sido molhados.

— *Vamos, milady?*

Fiz que sim e o acompanhei para fora do hotel. Caminhamos cerca de cinco minutos até chegar ao Starbucks no fim do quarteirão. Não era uma loja muito grande, porém o ambiente era muito agradável. Eu me sentei em uma mesa marrom circular e James foi até o balcão conversar com uma das atendentes. Ele voltou até mim com testa franzida e me encarou.

— *Acabei de perceber que sofri uma grande injustiça.*

— *Por quê?* — Desviei o olhar envergonhada e fitei a parede de tijolos atrás dele enquanto ouvia o som das pessoas conversando ao nosso redor.

— *Sabe meu nome, porém não sei o seu.*

— *Ah, sim.* — Abri um sorriso. — *Meu nome é Cecília.*

— *Belo nome.* — Ele se afastou e voltou ao balcão. Provavelmente precisava dos nossos nomes para os pedidos.

Esperei por alguns minutos, apertando os dedos uns nos outros. Estava receosa por ter saído com ele. Se meus pais descobrissem, provavelmente me colocariam de castigo por desobedecer a uma ordem, ainda mais sair em um país estranho com um desconhecido.

Eu não sentia mal algum em James. Ele era bonito e gentil, em nada se parecia com os sequestradores que haviam levado a mim e ao Caio no início do ano.

— *Aqui está!* — Ele me entregou um copo com uma boa dose de chantilly.

Fechei os olhos ao sentir o cheiro gostoso que subia. Se o sabor correspondesse à expectativa do meu olfato, seria uma das coisas mais deliciosas que eu havia provado na vida.

— *Obrigada, James.* — Tomei uma golada e fui atingida por uma explosão de sabores. Era delicioso. Suguei pelo canudinho mais umas duas vezes antes de voltar a dizer qualquer coisa. — *Uau!*

— *Não tem Starbucks no Brasil?* — Ele me investigou com o olhar enquanto eu me deliciava com cada gota.

— *Tem sim, mas eu nunca tinha ido em um.*

— Que bom que gostou. — James se acomodou na cadeira à minha frente e começou a beber o seu.

— *Muito obrigada pelo convite.*

— *Isso significa que aceitará outros?* — Debruçou na mesa em minha direção e eu recuei contra a cadeira.

— *Por que não?* — Disfarcei meu breve espanto com um sorriso. — *Tem muito tempo que você trabalha no hotel?* — mudei de assunto tentando conhecer

um pouco mais sobre ele.

— *Não. Comecei tem uma semana. Meu tio é recepcionista ali e me arrumou o emprego durante as férias de verão. Qualquer quantia que eu consiga juntar vai ser bem-vinda quando eu começar a universidade no próximo semestre.*

— *Que legal! Você vai para Oxford?*

— *Não, fui aceito em Cambridge.*

— *Meus parabéns!* — Abri um sorriso sincero. — *Eu ganhei uma bolsa para Harvard.*

— *Uau! Você deve ser muito inteligente.*

— *Alguns dizem que sim.* — Coloquei meu cabelo atrás da orelha em uma desculpa para não ficar encarando-o e minhas bochechas ficarem ainda mais vermelhas. — *Quantos anos você tem, James?*

Ele arregalou os olhos azuis como se tivesse se surpreendido com a minha pergunta. Quando comecei a pensar que tinha sido estúpida, James abriu um sorriso.

— *Completei dezoito há algumas semanas e você?*

— *Tenho quinze.*

— *Ainda falta alguns anos para a universidade.* — Riu de forma fofa e eu percebi que ele tinha covinhas. *Era possível aquele cara ser ainda mais gato?*

Enquanto conversávamos, eu até consegui esquecer o quanto estava chateada com o Caio.

— *Você sujou de chantilly.* — Ele colocou o copo sobre a mesa e curvou o

corpo na minha direção. Dessa vez não recuei, porém estremei com a ponta dos dedos dele passando pelo meu rosto.

Fiquei alguns minutos paralisada pelo toque. Era simples, até bobo, James só havia limpado a minha bochecha, porém eu senti um calor gostoso e abri um sorriso. Talvez eu estivesse sentindo falta de carinho...

— *James, eu preciso ir.* — Levantei da mesa como se tivesse tomado um choque.

— *Eu fiz algo de errado?*

— *Não.* — Dei a ele o meu melhor sorriso. — *Só não posso ficar muito tempo longe do hotel ou meus pais vão ficar preocupados comigo. Na verdade, eu nem deveria ter saído.*

— *Você está em boas mãos.*

— *Sei que sim, mas eu realmente preciso ir.* — Procurei pelas libras no meu bolso. — *Quanto foi?* — Balancei o copo.

— *Não se preocupe, já paguei.* — James também ficou de pé.

— *Mas você está guardando dinheiro para a faculdade.*

— *Cecília, milady, é só um frappuccino. Do que adiantaria a vida se não podemos desfrutar dos pequenos momentos?*

— *Eu vou pagar o próximo, okay?*

— *Eu estou contando com isso.* — Ele voltou a sorrir e senti minhas pernas ficarem bambas outra vez.

— *Agora eu realmente preciso ir para o hotel.*

— *Irei acompanhá-la.*

— *Não precisa.*

— *Sim, precisa. Londres pode parecer deslumbrante, mas é uma cidade perigosa. Eu não me perdoaria caso algo lhe acontecesse.*

— *Tudo bem.* — Assenti e caminhamos de volta ao hotel enquanto eu observava os belos arranjos de flores nos postes fixados ao longo da rua. Era algo tão singelo, mas que torna a cidade ainda mais bonita e acolhedora.

Assim que paramos diante do hotel, James me encarou antes de tirar o celular do bolso.

— *Por que não me passa seu número para podermos conversar qualquer hora dessas?* — Me estendeu seu aparelho.

Pensei *por que não?*, digitei meu número e salvei nos contatos, seguido de um emoticon de coração e uma bandeira do Brasil, e devolvi o celular para ele.

— *Até amanhã, milady.*

— *Por que fala assim? Me chama de milady?*

— *Porque é gentil e honroso. Era a forma como os homens chamavam as damas quando ainda se importavam com títulos.*

— *Sabe que não sou uma lady, não é?*

— *Aos olhos de quem?*

Suspirei e fiquei em silêncio. Ele me pegava desprevenida e me deixava ainda mais impressionada.

— *Até amanhã, James.* — Acenei antes de entrar no hotel com as minhas

bochechas coradas.

Estava prestes a subir no elevador quando o meu celular começou a tocar. Atendi sem reconhecer o número. Era do Brasil e da minha cidade. Só faltava ser o *telemarketing* me importunando do outro lado do oceano.

— Alô! — Entrei no elevador sozinha e apertei o botão para o meu andar.

— Cecília, não desliga, por favor.

Estremeci ao ouvir a voz do meu ex-namorado do outro lado da linha.

— Por que está me ligando? Eu bloqueei o seu número. — Sai do elevador no meu andar e tropecei no caminho até o meu quarto.

— Comprei outro número *pra* ligar *pra* você.

— Você pensou que o porquê de não conseguir ligar para mim era que eu não estou a fim de conversar com você?

— Mas você precisa me ouvir!

— Eu não quero! — Fechei a porta tomando cuidado para não batê-la. — Você me magoou, magoou muito. Achei que gostasse de mim.

— Eu gosto, caramba! Gosto demais! Você sabe disso, Ceci.

— Não foi o que pareceu.

— Eu cometi um erro. — Ele suspirou do outro lado da linha.

— Você nem sabe o que é cometer erros, sempre teve toda a menina que quis. E, agora, não consegue ficar com uma só.

— Isso é mentira!

— Quer saber, Caio? Não importa! Eu conheci outro cara e ele é muito bacana e não tem um fã clube como você. Talvez eu arrume outro namorado por aqui.

— Quê? Como assim?! Não tem nem uma semana que nós brigamos. Cecília...

— Boa noite, Caio! Vou dormir. Estou cansada. — Não deixei que ele terminasse a frase e desliguei a chamada.

Tirei a minha jaqueta e deitei na cama com a roupa que havia saído. Chorando e soluçando, me encolhi em posição fetal. Eu ainda gostava muito do Caio, mais do que era capaz de admitir, mas para ele era muito fácil viver cercado de meninas.

Por que ele só não me deixava em paz e continuava sendo o bom e velho Caio, o filho modelo de uma atriz?

O dia havia começado tão bem, por que Caio precisava atrapalhar tudo?



Charlotte
Capítulo

Doze

— Como assim tem outro cara? — Quase saltei da cama com o tom alterado de Henry do outro lado da linha quando atendi a chamada dele.— *Hein?* — Sentei na beirada do colchão coçando os olhos sonolentos. — Do que você está falando?

— A Cecília falou para o Caio que tem outro cara, que conheceu alguém aí e não quer mais saber dele. Ele *tá* arrasado, Char. Acabou de desligar o telefone e posso jurar que ele estava chorando. Eu nunca imaginei o Caio chorando por nada na vida.

— Calma! Desde quando você e o Caio são superamigos? Vocês nem se esbarravam na escola.

— Começamos a conversar quando planejamos a surpresa no aniversário de quinze anos de vocês. Além disso, nós quatro saíamos sempre juntos. É meio difícil não conversar com o cara quando ele namora a sua melhor amiga e é cunhado da sua namorada. Mas depois que ele e a Ceci brigaram, o cara não para de me ligar. É como se eu milagrosamente pudesse resolver tudo, mas, Char, não tenho nem coragem de falar com ela.

— É melhor parar de ficar perturbando a Cecília com isso. Se ela não quer conversar com o Caio, não vamos pressionar, *tá?*

— Tá bom, mas e esse lance de outro cara? É verdade? A Cecília conheceu outro menino aí?

— Não, Henry. — Revirei os olhos ao pensar em quanto aquela afirmação era

absurda e o Caio tinha sido muito ingênuo ao cair nela. — Minha irmã era *superafim* dele, não ia esquecê-lo em uns dias.

— Ah, que bom! — Henry respirou aliviado do outro lado da linha.

— Sério que você está torcendo para que eles voltem? — Me joguei na cama, massageando as têmporas.

— Não posso? Acho que eles se gostam. O Caio vacilou, mas está arrependido. Ele nem beijou outra menina, ela só encostou nele.

— Só?

— Vocês eram amigos. Não acha que pode perdoar ele?

— Não sou eu quem tenho que perdoar o Caio, Henry. Além disso, justamente porque somos amigos que sei como ele é. Daqui a pouco, ele esquece e parte *pra* próxima.

— Não sei, não! Mas vou dizer *pra* ele esperar vocês voltarem e conversar com ela pessoalmente.

— Parece uma boa ideia.

— Estou com saudades, Char.

Sorri ao perceber que ele mudou de assunto para falar de nós dois.

— Também estou.

— Sabe que amo você, *né*? Desde a primeira série.

Meu rosto se iluminou com um sorriso e eu suspirei.

— Sei, mas gosto de ouvir. Também amo você. — Fitei o teto enquanto

balançava os pés para cima e para baixo.

— Quero que você volte logo.

— Eu mal viajei, Henry.

— Mas estou com saudades, não posso?

— Pode sim. — Dei uma breve pausa antes de mudar de assunto. — Vou conversar com a minha irmã sobre o que ela disse *pro* Caio e mando mensagem para você antes de dormir.

— *Tá* bem. Fala para ela que mandei um abraço.

— Beleza. Beijo, Henry.

— Beijo, Char.

A linha ficou muda e eu desliguei.

Saí da cama sem me preocupar em estar de pijama depois de uma soneca bem tirada e fui até o quarto da minha irmã. Bati duas vezes e ela abriu logo depois.

— Oi, Char! — Ela estava de roupão e os cabelos loiros estavam escorrendo pelos ombros.

— Posso entrar? — Empurrei a porta e caminhei até a cama sem esperar que ela respondesse.

Cecília fechou a porta e sentou ao meu lado.

— O que você falou para o Caio? Ele *tá* achando que você tem outro cara.

— E se tiver? — Deu de ombros, espremendo os dedos de uma mão com a outra.

— Cecília, só se você foi abduzida, né? Não conhecemos ninguém aqui.

— Por que está tão preocupada com o Caio? — desconversou e eu senti que havia algo de errado. Será que minha irmã só estava tentando fazer ciúmes nele?

— Ainda gosta do Caio, Ceci? — Busquei os olhos dela, mas minha irmã evitava me encarar.

— Isso não importa. — Fungou.

— Importa, sim. Se você gosta dele, acho que deveriam conversar. Sei lá, deixar a mágoa de lado.

— Desistiu de bater nele?

— Eu me importo com você, irmã. — Afaguei o ombro dela e Cecília me deu um breve sorriso que logo se apagou.

— O Caio nunca teve uma fama muito boa. Eu deveria ter previsto isso.

— Bom, eu nunca o vi gostar de alguém como parecia gostar de você. E conheço ele há muito tempo.

— Por que está defendendo ele agora? Ele ligou para você? — Cruzou os braços e recuou um pouco, mostrando que estava bem arredia na conversa.

— Não. Ele ligou para o Henry.

— Tadinho do Henry, nem tem nada a ver com isso.

— Bom, ele é seu amigo, não é?

— E... — Ela coçou os olhos.

— Conseguiu dormir alguma coisa?

Balançou a cabeça em negativa e tombou o corpo na cama.

— Estou com muito sono.

— Vou deixar você dormir então. — Fiquei de pé. — Amanhã cedo conversamos mais.

— Obrigada, irmã. — Sorriu sem se mover da cama.

Saí do quarto e deixei ela sozinha. Esperava que ela e o Caio se resolvessem, porque, pela cara da Cecília, ele não era o único que estava chorando.



Lecilia

Capítulo

Treze

Acordei com a luz fraca do dia nublado invadindo o quarto. Havia me esquecido de fechar as janelas e tinha apagado. Ainda estava muito chateada com o Caio. Queria ouvir o que ele ia dizer *pra* gente poder se acertar, porque eu gostava muito dele, porém tinha muito medo de tudo voltar a acontecer e eu sofrer ainda mais.

Pensei em como a minha vida tinha mudado de cabeça para baixo nos últimos meses, desde que eu fui estudar na Academia Estive. Antes disso, éramos apenas mamãe e eu. Quando viemos do interior porque ela achava que eu teria mais oportunidades na cidade grande, ela se esforçou muito para que eu tivesse de tudo, para pagar as contas e para passar um tempo comigo. Ela não falava do meu pai, e eu nem sabia o nome dele, muito menos que tinha dinheiro.

Claro que era muito legal morar numa casa enorme que tinha até jardineiro, mas eu também gostava da casinha da minha mãe, da Joana... Gostava da Dalva — a governanta da mansão do meu pai —, porém sentia falta da Joana.

Eu tive as coisas no momento em que minha mãe podia me dar e isso certamente me tornava diferente da Charlotte. Ela não estava dando a mínima para aquela viagem e, para mim, era uma oportunidade única. Não era todo dia que eu podia ir a Londres. Foi ruim ter crescido sem a Charlotte e o papai, principalmente porque ele gosta muito de mim. No entanto, a vida que tive com a mamãe me ensinou a dar valor às pequenas coisas.

Talvez, mesmo tendo mudado a minha certidão de nascimento, eu nunca fosse como a Charlotte e o Caio.

Eu tinha sido precipitada ao dizer para o Caio que tinha outro cara. Foi por impulso e eu estava com raiva. Quando me dei conta, já havia saído pela minha boca. Eu só tinha tomando café no Starbucks com o James e isso não significava nada, né?

Apoiei o queixo na mão e suspirei. Talvez ele me entendesse melhor do que o Caio, já que não parecia um mimadinho rico. Estava ansiosa para ver ele de novo. Não ficar pensando no Caio era a melhor alternativa para não ligar *pra* ele e aceitar suas desculpas.

Levantei da cama e fui me vestir. Com o clima mais pra chuvoso do que ensolarado, eu coloquei um sobretudo e uma boina de tricô que a vovó tinha feito para mim. Era uma das peças favoritas do meu guarda-roupas, mas como no Brasil estava sempre quente, tinha poucas oportunidades para usar.

Ri ao pensar em Charlotte na fazenda dos meus avós. Seria muito divertido ver ela em um lugar sem internet ou sinal de celular. Mais hilário ainda seria ela tirando leite da vaca com o vovô.

Terminei de me vestir, escovei os dentes e saí do quarto. Bati na porta dos meus pais e foi ele quem abriu.

— Oi, Cecília! Dormiu bem, filha? — Ele estava abotoando o sobretudo cinza.

— Dormi sim, papai!

— Entra! Sua mãe está tomando banho e já podemos descer para o café.

Assenti e sentei em um sofá no interior do quarto deles, um pouco maior do que o que eu estava.

— Gostando da viagem? — Sentou do meu lado.

— Sim. — Abri um sorriso e o abracei. — Muito obrigada por trazer a gente, pai.

— Por nada, querida. É bom fazer você feliz.

— Eu estou feliz por você estar na minha vida, nem precisava da viagem.

Ele me beijou no alto da cabeça e afagou meus cabelos com carinho.

— Você parece muito a sua mãe quando eu a conheci.

— Isso é bom ou ruim? — Eu me afastei para encará-lo.

— Muito bom. Vocês conseguem ficar felizes com as coisas mais importantes da vida. Mas você estava mais feliz antes de chegarmos aqui... O que foi? Não era bem o que você imaginava?

— É sim! Londres é muito linda!

— Então, o que que foi? — Acariciou meu ombro com os olhos fixos nos meus, sabia que não iria conseguir evitar aquele jeito questionador.

— Não é nada, não...

— Ceci, sou seu pai, posso não ter estado lá para você antes, mas eu estou agora. Pode conversar comigo.

— É bobagem, pai. — Não sabia se podia ou se deveria falar para ele de meninos. Essa coisa de ter um pai ainda era meio nova para mim.

— É por causa daquele menino, o filho do Bernardo? O Caio, né?

— Nós terminamos. — Funguei e apertei o nariz. Não queria chorar na frente do meu pai.

— É, a sua mãe falou. E o que ele fez?

— Ah, pai! Acho que ele não é para mim não.

— Por que diz isso, princesa?

— Nós somos muito diferentes.

— Sua mãe e eu também éramos. Você é muito nova, filha. Ainda tem muito o que fazer e irá conhecer outros caras. Mas, quando eu conheci a sua mãe, eu era exatamente como o Caio, tinha o que queria e quando eu queria. Eu era um babaca.

Não consegui segurar o riso e ele riu também.

— Não sei se melhorei muito, mas eu nunca consegui esquecer a sua mãe e que bom que ela também não me esqueceu.

— Acha que o Caio me esperaria por quatorze anos?

— Isso, só ele pode dizer a você.

— É... — Suspirei. — Mas não sei se eu esperaria ele se achasse que tinha me deixado.

— E, isso, você precisa descobrir aí. — Apontou para o meu coração. — Mas não sofra com isso tudo. Seja qual escolha você fizer, saiba que esse homem aqui — apontou para si — ama muito você.

— Obrigada, pai! — Voltei a abraçá-lo e ele beijou o topo da minha cabeça. — Eu também amo você.

— Ah, posso tirar uma foto? — Mamãe saiu do banheiro e nos pegou de surpresa. — Gosto tanto de ver vocês juntos.

— Foto? — Charlotte entrou no quarto sem bater. — Quero foto também.

— Vamos tirar uma *selfie*! — Papai tirou o celular do bolso e mamãe se juntou a nós.

Batemos a foto e nos levantamos. Seguimos até o café-da-manhã e senti um frio na barriga com a expectativa de ver o James. Assim que entramos no restaurante, o vi ajeitando uma mesa e senti um calafrio, tentando conter o meu sorriso.

— Vou comer bacon com você hoje, pai — ouvi Charlotte dizer quando sentamos na mesa. — Depois, vou voltar para o boxe mesmo.

— Ainda não inscrevemos você, *né*, Cecília?

Mal dei ouvidos para a minha irmã enquanto olhava para o James, que me viu e sorriu para mim.

— Cecília?!

— Hã? — Franzi o cenho ao olhar para ela. — Do que você estava falando mesmo?

— Das aulas de boxe que você disse que queria aprender.

— Ah, quero sim!

— Deve ter uma turma nova no segundo semestre.

— Vai ser legal!

— Está tudo bem, Ceci? — Ela tombou o corpo na minha direção.

— Tô sim. Vou pegar frutas. — Levantei e fui pegar um prato.

— *Aqui está, milady.* — James me entregou o prato e uma colher.

— *Obrigada! Como você está?*

— *Muito melhor ao vê-la.*

Senti minhas bochechas arderem.

— *E você?*

— *Estou bem também.* — Coloquei frutas vermelhas e iogurte no prato.

— *Vamos ao Starbucks hoje de novo?*

— *Não sei se meus pais vão deixar.*

— *Eles não precisam saber. Pode ser o nosso segredo.* — Piscou para mim.

— *Eu conto tudo para a minha mãe.*

— *Filhinha da mamãe, então?*

Mordi os lábios e me encolhi. Não gostei da forma como ele falou aquilo, principalmente porque pareceu que ele me achava uma criança.

— *Não tem nada disso!*

— *Então, vamos poder sair?*

— *Não sei.*

— *Me manda uma mensagem quando souber.* — Ele me entregou um guardanapo com seu número de telefone.

— Não achou o que queria, filha?

— Achei sim, papai. — Acenei para o James com um movimento de cabeça e voltei para a mesa.

— O que estava conversando com aquele garçom, filha? — perguntou minha mãe assim que me sentei.

— Nada demais, mãe. — Mexi nas frutas do prato, empurrando o morango para cima do iogurte.

— Tem certeza?

Fiz que sim.

— Vou precisar ir para empresa. — Meu pai bufou ao colocar o celular sobre a mesa.

— Algum problema por lá, meu amor? — Mamãe se virou para ele e me senti estranhamente aliviada por ela não estar mais prestando atenção em mim.

— Parece que as coisas só começam a funcionar quando o presidente aparece. Por que não vão ao *Sky Garden* aqui perto e, depois, nos encontramos para o almoço? Podemos ir ao Museu Britânico de tarde. O que acham meninas?

— Parece perfeito. — Comi o último morango do meu prato enquanto observava James passar atrás da minha mãe e recolher os pratos de outra mesa.

Sentia o guardanapo com o telefone do James queimar no meu bolso, porque não sabia se mandava uma mensagem para ele ou não. Ao mesmo tempo em que queria muito, não me parecia certo esconder isso dos meus pais.

— Até mais tarde, meninas. — Papai se levantou da mesa.

— Me liga quando estiver saindo de lá, Vitor.

— Tudo bem, Cíntia.

Papai seguiu para fora do restaurante e sumiu de vista.

— Vamos para o *Sky Garden*, meninas? — Mamãe espreguiçou.

— Com sono? — Levantei também.

— Os irmãos de vocês estão mexendo bastante. Não dormi bem. — Ela passou a mão pela barriga redonda.

— Estou ansiosa para conhecer eles. — Sorri. Estava contente com os irmãozinhos que eu ganharia em breve. Era inacreditável pensar que, de filha única, teria uma família com três irmãos num período de um ano.

— Eu também. — Mamãe sorriu. — Vamos?

Charlotte e eu assentimos e saímos do hotel.

Assim que vimos o prédio no horizonte, eu entendi o porquê de ser apelidado de *walkie-talkie*. A construção realmente parecia um rádio como aqueles que os seguranças usavam. Ele era um edifício comercial de Londres, um dos arranha-céus da cidade, mas o último andar tinha acesso ao público com um belo jardim que eu queria muito conhecer. O *Sky Garden* estava entre as minhas prioridades na lista de lugares a visitar em Londres.

Entramos na grande fila de turistas e, enquanto esperávamos, puxei meu celular do bolso do casaco. Aquele dia estava mais frio do que o anterior, como

se o sol que aparecia timidamente entre as nuvens estivesse com vergonha de se mostrar.

James

Hi! Desculpa, não queria que você ficasse chateada comigo. É porque quando vamos para a faculdade começamos a fazer nossas próprias escolhas. Mas achei fofo quando falou da sua mãe ??

Ceci*

Não estou chateada. ☺

James

Que ótimo! ?? Só queria sair com você de novo. ?? Você é tão linda, Cecília.

Ceci*

?? ☺

James

Onde você está?

Ceci*

Vim para o Sky Garden com a minha irmã e a minha mãe.

James

Nossa! É lindo aí. Queria estar com você

?? *Pena que preciso trabalhar* ??

Ceci*

Podemos vir juntos um dia.

— Cecília, vamos entrar filha. — Mamãe me puxou pelo braço e seguimos até o início da fila. — Vocês duas! — Mamãe olhou séria para gente quando seguimos para o elevador. — Chega de celular! Ou param com isso, ou confisco tudo! Estamos entendidas?

Charlotte e eu guardamos os aparelhos.

— Melhor assim. — Ela colocou a mão na cintura, mas sorriu. — Não quero ter que deixar vocês de castigo.

— Já guardamos, mãe — garanti.

— Melhor assim.

Saímos do elevador no *Sky Garden* e eu fiquei boquiaberta.



Charlotte
Capítulo

Quatorze

— Uau! — Não contive a expressão de espanto e surpresa que tomou meu rosto quando vi onde estávamos.

Já tinha ido a Londres mais vezes do que era capaz de contar. Meu pai tinha sempre assuntos para resolver na cidade e, quando dava, me trazia com ele. No início, achei que era para que eu pudesse passear, mas com o tempo percebi que ele fazia questão de ficar perto de mim. No entanto, em todas as minhas visitas, nunca tinha ido àquele lugar e, para ser bem honesta, acho que nem sabia de sua existência.

Percebi que Cecília se continha para não sair correndo de um lugar para o outro, observando tudo. Os olhos dela brilhavam de empolgação enquanto contemplávamos a vista.

No centro de uma enorme janela, me deparei com o *The Shard*, o prédio mais alto de Londres que ficava na margem oposta do rio Tâmisa. No primeiro andar, onde eu estava, havia um bar com algumas mesas e canteiros com plantas diversas, a maioria de um verde muito vivo que me lembravam samambaias. Nas laterais, escadas levavam a um outro nível do jardim.

— Podemos almoçar com o papai aqui. — Cecília apontou para os dois restaurantes no segundo andar.

— Um almoço seria ótimo. — Ouvi aquela voz familiar e qualquer sorriso que ela pode ter despertado em mim desapareceu quando vi minha mãe cerrar os pulsos.

— Alice?

Todas nós nos viramos e vi a vovó. Ela estava de pé há alguns metros e vestia um sobretudo vermelho com um lenço creme no pescoço.

— Cíntia, você está ótima querida. — Ela deu um passo em nossa direção e minha mãe nos fez recuar.

— O que você está fazendo aqui, Alice? — Eu nunca tinha ouvido a minha mãe usar um tom de voz tão áspero.

— Quando cheguei ao hotel, o recepcionista me informou que havia pedido um táxi para deixá-las aqui.

— Sabe que não foi a isso que me referi. Vitor sabe que está aqui?

— Pensei em fazer uma surpresa para vocês.

— Vovó? — Olhei para ela. Queria abraçá-la, porém o olhar de poucos amigos da minha mãe fez com que eu ficasse parada.

— Charlotte, querida! — Abriu os braços para mim, porém eu não fui. — Não abraça mais a sua avó?

Olhei para minha mãe, que assentiu, fui até a vovó e a abracei. Era inegável o clima horrível que tomou o lugar. Minha mãe e a minha vó deixaram bem evidente que não eram grande fã uma da outra.

— Você deve ser a Cecília. — Vovó olhou para a minha irmã que recuou, praticamente se escondendo atrás da nossa mãe. — Por que não vem me dar um abraço também?

— Não vou abraçar você!

Fiquei boquiaberta ao ouvi-la dizer isso. Cecília não era o tipo de pessoa ríspida. Ao contrário de mim, ela estava sempre de bem com a vida e sorrindo para todo mundo.

— Querida? — Minha vó insistiu de braços abertos.

— Você sabia que a mamãe estava viva, sabia de mim. Deixou o papai achar que eu nem existia. — Cecília soluçou como se quisesse engolir o choro.

— Eu cometi um erro, querida.

— Um erro seria ter escrito o meu nome com S. Isso que você fez não foi um erro, foi crueldade.

Vovó abriu um sorriso amargo e encarou a minha mãe.

— É fácil perceber por quem ela foi criada, não é? Fez a menina me odiar.

— Não, Alice. Ela nem sabia quem vocês eram até Vitor e eu nos reencontrarmos.

— Mas a culpa não foi minha — choramingou a vovó. — Foi o André quem armou com os médicos daquele hospital.

— Mas você sabia de tudo e não fez nada. Ainda por cima, ajudou a tirar o Vitor do país.

— O que queria que eu fizesse, Cíntia? Ficasse contra o meu marido?

— Ele morreu há quase dez anos.

— Me perdoa! É isso que você quer ouvir?

— Não importa mais. — Minha mãe balançou a cabeça em negativa e Cecília a abraçou. — Vitor sabe que você está aqui?

— Não. — Vovó se encolheu ao desviar o olhar dos desafiadores da mamãe.

Fiquei entre as duas sem saber o que fazer. Entendia toda a raiva da minha mãe. Por causa dos meus avós, ela e o papai passaram muito tempo separados. Vovô fez com que eu e meu pai acreditássemos que a mamãe estava morta, porém eu não conseguia sentir tanta raiva assim da minha vó, afinal, ela foi minha mãe nos meus primeiros anos de vida enquanto a verdadeira não estava por perto.

— Cíntia, eu lamento tudo o que vocês dois passaram, de verdade. Não queria que o meu filho soubesse, porque ele não vai me perdoar enquanto você não perdoar. Talvez, se eu tivesse feito algo no passado... Agora, tudo o que posso fazer é lamentar o que vocês passaram.

— Por que não vamos todos almoçar? — Abri um sorriso e tentei espantar o climão que havia se estabelecido sobre nós desde que a vovó tinha aparecido. — Daqui a pouco, o papai deve estar chegando. Acho melhor esperarmos ele.

— Não sei se devo ficar. — Vovó olhou para o chão, envergonhada.

— Fique. — Minha mãe abriu um meio sorriso. — Sei que é o perdão dele que você quer e não o meu. Não há melhor jeito para resolver isso do que conversar com ele. Vamos subir para o restaurante.

— Você está grávida de novo? — Vovó ficou boquiaberta assim que a minha mãe se moveu e ela notou a barriga.

— Sim, estou. — Minha mãe envolveu a barriga com as mãos, tentando proteger os filhos que ainda nem haviam nascido.

— Vitor deve estar muito feliz.

— Todos nós estamos. — Cecília sorriu.

— Isso é ótimo.

Seguimos para o restaurante e vovó colocou a mão sobre o meu ombro enquanto subíamos pela escada. Senti que a manhã com um passeio incrível havia acabado de um jeito não tão bom assim. Eu estava contente por ver a vovó; havia quase um ano desde que nos encontramos da última vez, mas eu não podia dizer o mesmo do restante da minha família.

Assim que o papai surgiu na entrada do restaurante, o sorriso nos lábios dele se apagou de imediato e percebi que aquela havia sido uma péssima ideia. Ele não queria ver a vovó e eu não deveria ter insistido para que ela ficasse.

— Como descobriu que estamos em Londres, mãe? — O tom ríspido dele fez eu me encolher na cadeira.

— Foi a Selma quem me disse que você tinha viajado com a família *pra* cá.

— Aquela secretária tem que aprender a manter a língua dentro da boca.

— Calma, Vitor! — Eu me surpreendi com o pedido da minha mãe.

— Vai defender ela agora? — Meu pai levantou uma sobrancelha.

— Não, mas as meninas estão assustadas. — Ela percebeu que eu e a Cecília estávamos encolhidas em nossas cadeiras.

— Vamos só almoçar, papai — pedi a ele da forma mais gentil que pude.

— Certo. — Ele bufou e puxou uma cadeira para o lado da minha mãe.

Aquele sem dúvidas não foi o melhor almoço em família que tivemos na vida. Meus pais evitavam até olhar *pra* minha vó. Ela tinha uma parcela de culpa muito grande para que eu tentasse interceder. Imagino que, se não fosse todo o carinho que eu sentia por ela, também não estaria muito contente com sua

presença ali.

Com aquele clima horrível, dei uma escapada até o banheiro e joguei uma água no rosto. Meu celular vibrou no bolso e peguei ele para conferir as mensagens sem a minha mãe perceber.

Henry ??

Como foi o *Sky Garden*?

Charlotte ??

Nublou geral.

Henry ??

Como assim? ??

Charlotte ??

Minha vó apareceu e tá o maior climão.

Henry ??

Shiii ??

Charlotte ??

Ela sabia que a minha mãe tava viva, Henry. Meu pai tá um cão raivoso.

Henry ??

Com razão, né? Ela tirou do seu pai a sua mãe e a Cecília. Qualquer um ficaria megabravo.

Charlotte ??

Sou uma pessoa horrível por não conseguir odiar ela? ??

Henry ??

Claro que não, Char! Ela é sua avó.

Respirei fundo e voltei para mesa. A mensagem de Henry havia me feito sentir uma pessoa menos pior por não estar tão furiosa quanto o restante da minha família.

— Bom, mãe, acho que já passou tempo suficiente conosco. Pode comprar sua passagem de volta para os Estados Unidos. — Meu pai se levantou da mesa após pagar a conta.

— Eu reservei o hotel até amanhã. Queria passar mais tempo com as meninas.

— Você pode ficar até amanhã — a resposta veio da minha mãe e isso fez com que eu arregalasse os olhos. — Meninas, o que acham de fazer algo com a vó de vocês hoje à tarde?

— Mas não íamos ao Museu Britânico? — Cecília cruzou os braços.

— Podemos ir amanhã. — Sorri. Minha vó não era tão terrível assim e a Cecília teria a oportunidade de ver isso.

— Se nos apressarmos um pouco, podemos ver a troca da guarda no Palácio de Buckingham. — Minha vó se levantou com um largo sorriso e jogou a bolsa sobre o ombro.



Lecilia

Capítulo

Quinze

Aquela definitivamente não era a forma como esperava passar a minha tarde. Por mais que mamãe e papai tivessem concordado com aquilo, eu não tinha certeza se era o que eu queria. Eu dificilmente não gostava das pessoas. Mamãe costumava dizer que eu tinha um coração muito especial que abraçava a todos, porém não podia deixar que a mãe do meu pai entrasse nesse coração, não depois do que ela tinha feito com a gente.

Ela sabia de mim e da mamãe e escondeu isso. A ideia poderia não ter sido dela, mas ela concordou com isso e, para a justiça, isso já a tornava cúmplice de um crime.

Meu celular vibrou dentro da minha bolsa. Eu parei de olhar pela janela do táxi para as belas ruas de Londres e o peguei.

James

Empolgada no passeio com seus pais?

Ceci*

Não... ??

James

Sabia que eu era uma companhia melhor ☺

Ceci*

Nada disso! Adoro ficar com meus pais, mas não estou mais com eles.

James

Já fui trocado ??

Ceci*

*Não, seu tonto! É que a minha vó apareceu querendo ganhar o prêmio
de vó do ano.*

James

Mas avós são ótimas! Por que você não tá feliz?

Ceci*

É uma longa história...

James

Pode começar a escrever. Ou manda um áudio.

Respirei fundo e comecei a longa mensagem. Quando enviei, vi ao longe o Big Ben. Foi inevitável não abrir um sorriso mesmo que quisesse manter a expressão fechada diante da minha avó.

James

Me fala onde você está? Vou resgatá-la. ??

Ceci*

Não inventa ??

James

Estou falando sério ?? . Largo meu turno em 15 minutos e vou correndo para onde você estiver.

Ceci*

No Palácio de Buckingham.

James

????????

Abri um sorriso bobo e guardei meu telefone quando descemos do táxi na praça diante do Palácio de Buckingham. O sol havia se aberto no céu, mas o vento ainda soprava uma brisinha gelada no meu rosto. Fiquei contente por não termos viajado no inverno; não sei se sobreviveria ao frio.

A praça estava lotada, não era apenas a gente que queria assistir a troca de guardas. Fui me aproximando da cerca sem me importar com onde Charlotte e a vovó estavam. Pelo som dos tambores e dos demais instrumentos, a apresentação já havia começado e eu lamentei não ter chegado antes do início. Pedi licença a algumas pessoas, esbarrei em muitas e fui empurrada por outras até chegar na grade.

Vi os soldados tocando tambores e outros instrumentos de sopro, enquanto marchavam. Depois, veio uma segunda leva marchando com a arma apoiada no ombro. Os soldados com roupas vermelhas e um grande chapéu peludo eram engraçados, pareciam ter saído de um filme de fantasia.

Tomei um susto quando mãos firmes seguraram os meus ombros.

— *Achei você!*

Com o coração disparado por causa do susto e as pernas um tanto bambas, me virei e encontrei James, que estava com o sol sobre um dos seus ombros. Precisei apertar os olhos.

— *James, o que está fazendo aqui?*

— *Eu falei que viria salvá-la, cá estou eu. Vamos?*

— *Não posso. Minha vó e a minha irmã vão surtar se eu sumir.*

— *Com esse tanto de gente? Aposto que nem vão notar sua falta pela próxima hora. Vem logo.*

— *Não posso.*

— *Não pode ou não quer vir comigo?* — Ele me fitou com aqueles olhos azuis acinzentados e eu estremeci um tanto sem graça.

— *Sabe que quero ir com você.*

— *Então, vem!* — Estendeu as mãos para que eu as segurasse. — *Ah, Cecília, você vai estar comigo. Quem melhor para cuidar de você aqui do que alguém que morou em Londres a vida toda?*

— *Okay!* — Abri um sorriso, mesmo que sentisse uma pontadinha desconfortável no peito. Mamãe ficaria muito brava comigo se eu desaparecesse, mas, como eu estava com uma mulher que não ligou para mim durante quinze anos, não faria muita diferença onde eu estava ou não. Desde que não fosse perto dela.

James me puxou por entre as pessoas e saímos em uma rua paralela. Assim que nos afastamos de todo o tumulto em frente ao Palácio, percebi que uma chuvinha gelada caía fina sobre nós e James me empurrou para dentro da primeira loja aberta. Era uma livraria grande, porém aconchegante, com os livros bem organizados na estante. Parecia uma calorosa biblioteca.

— *Posso ajudá-los?* — Uma vendedora se aproximou de nós por mera cordialidade, porque estava evidente que entramos ali para fugir da chuva.

— *Estamos apenas olhando* — respondi como tinha o hábito de fazer no Brasil e ela fechou a cara. — *Acho que ela não gostou muito* — falei para o James.

— *Ela não se importa.* — Ele puxou a minha mão e fomos para um dos corredores. — *A verdade é que nem todos os londrinos são tão gentis e bonitos como eu.*

Por que todos os caras bonitos tinham que ser tão convencidos quanto o Caio? Ah, o Caio... não queria pensar nele, mas foi inevitável. Tentei tirar a imagem do rosto do meu ex-namorado da cabeça enquanto James me encarava.

— *Convencido.* — Esquivei-me do olhar dele e comecei a caminhar por entre os livros, passando os dedos nas lombadas.

— *Se eu disse alguma mentira, por favor corrija-me, milady.* — Ele segurou meu pulso e fui obrigada a voltar a fitá-lo.

— *Você é bonito, sim...*

Um sorriso ainda mais charmoso surgiu nos lábios dele com dentes brancos e perfeitos.

— *Sabia que não estava dizendo nada demais.* — Acariciou meu rosto e eu

estremeci. — *Você também é muito linda, Cecília.*

O rosto dele se aproximou do meu e eu não conseguia desviar o olhar.

— *O que está fazendo?*

— *Beijando você.* — Ele uniu os lábios aos meus antes que eu pudesse me dar conta do que estava acontecendo.

Fiquei paralisada enquanto ele me envolvia pela cintura e puxava para mais perto. Assim que o meu celular começou a tocar bem alto, eu o empurrei para longe e atendi o aparelho.

— Alô!

— Cecília, onde você está?! Estamos surtando por não ter encontrado você em lugar nenhum. Se você quer que o papai fique com raiva da vovó por não cuidar de você, não é a melhor alternativa! Somos bem grandinhas.

— Começou a chover e eu entrei numa livraria.

— Pergunta onde ela está que vamos até lá. — Ouvi a voz da mãe do meu pai ao fundo.

— Segue a rua paralela ao parque ao lado do Palácio que vão chegar aqui.

— *Tá.* Não sai daí.

— *Tá bom, Charlotte.* — Desliguei a chamada e guardei meu celular de volta na bolsa.

— *Acho que preciso ir.* — James colocou as mãos dentro dos bolsos e olhou para baixo como se encarasse os sapatos pretos perfeitamente lustrados.

— *Por quê?* — Mordi o lábio. Será que ele tinha achado que eu não gostei do

beijo? Tinha sido pega de surpresa e não sabia bem o que pensar.

— *Sua avó e sua irmã parecem bem bravas. É melhor que não vejam você comigo para não ficarem ainda mais. Nos encontramos depois.*

— *Você não está bravo por que o empurrei?*

— *Claro que não.* — Abriu um largo sorriso e me roubou mais um selinho.
— *Mando mensagem para você mais tarde. Nos vemos amanhã no café do hotel.*

James saiu pela porta da livraria e eu fiquei observando de boca aberta até que ele sumiu de vista.

Beijá-lo não havia sido ruim. E como poderia ser? Ele era um cara lindo! Porém, senti um aperto desagradável no peito. Eu não namorava mais o Caio, isso não era uma traição. Então por que eu sentia como se tivesse sido?

— Cecília! — Charlotte apareceu com as mãos na cintura e batendo os pés.

— Oi! — Abaixei o rosto e cruzei os braços, ficando na defensiva.

— Você deu um susto enorme na gente! O que passou pela sua cabeça para sumir assim sem falar para onde estava indo?

— É que começou a chover. — Fiquei mexendo nos botões da minha camisa sem olhar para minha irmã.

— Se fez isso para punir a vovó, acho que você foi um tanto exagerada.

— Exagerada?! — Ergui a cabeça e encarei os olhos verdes da minha irmã. Não tinha nada a ver com a mãe do papai, porém Charlotte dizer aquilo, como se a mulher fosse uma santa, me deixou irritada. — Se você não conheceu a mamãe, se cresceu achando que ela estava morta, se não sabia que tinha uma irmã gêmea, é culpa dessa mulher! — Apontei para Alice que surgiu atrás da

Charlotte.

— Tem razão, Cecília. — A minha avó engoliu em seco. — Foi culpa minha, sim. Deixei que o André me convencesse de que era o melhor para o Vitor. Meu filho nem tinha completado vinte anos quando vocês nasceram, achei que ele não tinha idade para assumir uma família. Ele ainda era um menino, tinha muito o que fazer. Achei que se envolver com a mãe de vocês foi falta de juízo. Acreditei que separar os dois fosse o melhor para tornar ele o homem que é hoje. Me julgue, mas fiz o que achei melhor para o meu filho como qualquer mãe faria.

— Foi muita crueldade. — Balancei a cabeça em negativa.

— Vamos embora. Acho que sairmos juntas não foi uma boa ideia.

— Desculpa, vovó — murmurou Charlotte.

— Tudo bem, querida. — Ela afagou o ombro da minha irmã. — Eu deveria ter imaginado que isso iria acontecer.

— Vamos embora! — Passei por elas e segui para a rua.

Assim que as vi deixarem a livraria, dei sinal para um táxi e entramos nele.



Charlotte
Capítulo

Dezesseis

O clima no táxi foi terrível. A minha irmã não estava fazendo o menor esforço para se aproximar da vovó. Pelo contrário, fez questão de deixar claro que a presença dela era muito indesejada. Eu não sabia o que dizer. Gostava da vovó e não queria odiá-la, porém depois do que ela disse, era meio impossível defendê-la.

Assim que chegamos ao hotel, segui para o meu quarto sem falar nada e Cecília fez o mesmo.

Tomei um banho gostoso e relaxante na banheira, jogando todos os saís que encontrei na bancada, e fiquei lá até meus dedos enrugarem. Depois que saí, vesti um pijama e me atirei na cama. O dia havia sido tão tenso que eu nem estava com fome.

Só mexi na cama quando meu celular começou a vibrar e eu percebi que o Henry estava fazendo uma chamada de vídeo. Atendi e sentei na cama com as costas contra a cabeceira.

— Oi, Henry!

Sorri ao vê-lo. Ainda era dia no Brasil e a luz do sol entrava pelas janelas, dificultando um pouco a visão do rosto dele. O cabelo liso e preto estava um tanto bagunçado e amassado por um *headphone* vermelho, ele usava uma camisa do Mario Bros e, atrás dele, pude ver parte da cadeira *gamer* da qual ele tanto falava.

— Estava jogando?

— Estava, sim! Aproveitando as minhas férias do jeito que dá, já que a minha namorada decidiu se afastar um oceano inteiro de distância.

— Não seja dramático — gargalhei.

— Aprendendo com o Caio.

— Ele ainda está enchendo o saco?

— Parou um pouco. Acho que percebeu que eu não posso fazer nada por ele. Ou entendeu que o melhor é esperar que vocês voltem.

— A Cecília hoje estava um saco! — bufei ao desabafar.

— Por quê?

— Parece que ninguém, além de mim, está contente com a presença da minha avó. E ela veio dos Estados Unidos para cá passar um tempo com a gente!

— Nem seu pai? — Henry franziu o cenho, pensativo.

— Meu pai muito menos. Parece que, agora, ele odeia a mãe.

— Poxa, Charlotte, que chato.

— Estão a culpando por tudo, mesmo que a maioria das coisas tenham sido feitas efetivamente pelo meu avô.

— Mas não é culpa dela?

— Em partes. — Suspirei escorregando na cabeceira da cama.

— Ah, Char, na minha opinião, acho que sua família vai ficar chateada mesmo. Fingiram a morte da sua mãe, isso é a maior covardia que se pode fazer. Se dissessem para mim, nem que fosse de brincadeira, que você está morta e

depois eu descobrisse que não, eu iria descer o cacete em todo mundo, no mínimo.

Eu ri da forma como ele afunilou os olhos já pequenos e rosnou.

— Ao deixar vocês acreditarem, por quatorze anos, que a Cíntia estava morta foi crueldade.

— Foi o que a Cecília disse. — Torci os lábios.

— É, meu amor, vou precisar concordar com ela.

— Ótimo namorado você. — Mostrei língua.

— Eu não existo só para te dar uns beijinhos.

— Achei que fosse só por isso. — Ri.

— Se fosse por isso, você não teria ido para Londres e me deixado aqui.

— *Touché!* — Bati a mão no peito como se tivesse sido atingida e Henry gargalhou. — Está bem, namorado que serve para me dizer que estou errada, eu vou dormir.

— Só deixo você ir se disser que vai sonhar comigo.

— Sempre sonho. — Suspirei.

— Então ótimos sonhos para você, Char. — Ele mandou um beijo e desligou a chamada.



Lecilia

Capítulo

Dezessete

A Charlotte estava chateada comigo e isso não me deixava feliz. Não gostava quando nós duas ficávamos em pé-de-guerra, principalmente porque éramos irmãs. Porém, enquanto ela achasse que eu estava sendo cruel demais com a nossa avó, nós duas não entraríamos em um consenso.

Peguei um refrigerante no frigobar e abri a latinha enquanto olhava para o horizonte. Londres era uma cidade tão linda, tudo o que eu havia sonhado, porém odiava muito ter arrastado comigo tantos problemas na mala que acabaram ofuscando o brilho da cidade.

Naquele dia, eu só tinha aproveitado pela metade as atrações turísticas. A aparição da mãe do meu pai tinha estragado a visita ao *Sky Garden* e, quando James apareceu no meio da troca da guarda, nem tive a oportunidade de assistir direito à apresentação.

James... Suspirei ao me recordar dele. Ainda estava um pouco abobada ao pensar no beijo que ele havia me dado. Precisava ajeitar os meus pensamentos, porque tudo ainda parecia um sonho. Por mais que a possibilidade de um namoro entre mim e um inglês fosse tão escassa quando as chuvas no deserto do Saara, me fazia bem pensar que um cara tão bonito quando ele poderia estar gostando de mim.

Não resisti, peguei meu celular e mandei uma mensagem para ele.

Oi ?? , tudo bem?

James

?? Cecília! Já está no hotel?

Ceci*

Estou sim. ?? Viemos logo depois.

James

Sua vó ficou muito brava por você ter saído daquela troca de guarda chata?

Ceci*

Ei! Não era chata. ?? Mas acho que minha vó não liga muito, só quer o perdão do meu pai. Mas depois de tudo o que ela fez, acho que vai ser bem difícil.

James

Eu não perdoaria não.

Ceci*

A Charlotte não entende isso. ??

James

Acho que sua irmã liga mais para essa vó do que para mãe de vocês.

Ceci*

Isso não é verdade ☹ . Charlotte ama a mamãe assim como a mamãe

ama ela.

James.

Então por que ela liga tanto para essa avó que só separou você e a sua mãe do seu pai?

Ceci*

Pq é a vó dela. Eu também defenderia a mãe da minha mãe.

James

Então tá ???? ♂

Ceci*

Vamos mudar de assunto. Esse já me chateou demais e acho que ela vai embora amanhã, então tudo vai ficar bem.

James

O que você está fazendo agora? ??

Ceci*

Deitada na cama olhando para o nada.

James

Poderia estar olhando para mim.

Ceci*

É, eu adoraria isso.

James

Não seja por isso ??

James enviou uma foto. Fiquei boquiaberta olhando para a imagem que surgiu na tela do meu celular. Ele parecia estar em um quarto com paredes rústicas e uma cama um tanto bagunçada, porque os cobertores se acumulavam atrás dele. Seu cabelo preto estava molhado e algumas gotas escorriam pelo seu rosto... Ele estava sem camisa!!!

Ceci*

?????????

James

Que foi? ?? Não gostou do que viu?

Ceci*

Gostei, mas você está sem camisa. ??

James

Você tinha um namorado, né? Não me diz que nunca viu ele sem camisa.

Ceci*

Já vi quando fomos tomar banho de piscina.

James

Só? ??

Ceci*

Como assim, só?

James

Nunca tirou a roupa dele?

Fiquei encarando a tela do celular num misto de surpresa e choque com a última mensagem. Sem saber o que dizer, se é que tinha que dizer algo por mais que fosse uma pergunta.

James

Cecília, ainda está aí?

Ceci*

Estou sim. ??

James

Então acho que a resposta é não.

Ceci*

É... ??

James

Pode tirar a minha se quiser. ??

Ceci*

James!!! ?? Para com isso.

James

Nunca teve vontade? ??

Ceci*

Não. Isso não é certo.

James

Não teve vontade ou alguém disse que você não pode?

Ceci*

?????? Estou com sono. Acho que vou dormir. Até amanhã, James.

James

Boa noite, Cecília. Sonha comigo ?? .

Peguei o celular e joguei ele debaixo do travesseiro. Não queria ficar pensando a respeito do que James havia falado. Isso me deixava muito envergonhada e sem saber o que dizer. Caio nunca tinha tocado nesse tipo de assunto comigo e eu achava que era melhor assim.

Fiquei rolando na cama e, quando percebi, já tinha pegado no sono.



Charlotte
Capítulo

Dezoito

Estava frio e chuvoso quando acompanhei a vovó até a entrada do hotel naquela manhã. Entreguei para ela a sua bolsa enquanto um empregado do hotel chamava um táxi.

— Tem certeza que não quer que eu chame o papai?

— Não querida, seu pai não quer me ver. — Ela afagou meu ombro enquanto fungava.

— Mas ele não pode fazer isso! Não é certo, vovó, você é a mãe dele. — Cruzei os braços, furiosa. — A culpa é da Cecília! Se ela não tivesse feito aquele drama todo, você não estaria indo embora assim, fugindo.

— Não culpe a sua irmã, querida. Seu pai tem razão, a culpa é minha. Com ele me rejeitando, eu consigo entender a gravidade do que fiz. Deixei que ele acreditasse que a sua mãe estava morta e dói muito ficar longe das pessoas que amamos. Percebo isso agora. Talvez seu pai me perdoe um dia, ou ao menos me aceite de volta na vida de vocês. Mas esse não é o momento para forçar a barra. Não vou estragar mais a viagem de vocês.

— Mas eu gosto da senhora aqui, vovó.

— Ainda pode ir me visitar. Seu pai está com raiva, mas não vai proibir você de ir me ver. — Ela se curvou e me deu um beijo no alto da cabeça. — Se cuida, meu anjinho, aproveita a sua mãe e a sua irmã. Desculpa por ter tirado elas de você.

— Tudo bem, vovó. Nós vamos recuperar o tempo perdido. — Eu a abracei.

— Até mais, Char!

O motorista abriu a porta e minha vó entrou no banco de trás do táxi. A chuva apertou e eu recuei para debaixo do toldo na frente do hotel.

— Boa viagem, vovó. — Acenei.

Assim que o táxi partiu eu voltei para o interior do hotel. Passei pela recepção sem prestar atenção em quem estava pelo caminho e subi para o andar onde estava o meu quarto. Bati duas vezes na porta da minha irmã. Ela abriu a porta vestindo um roupão e coçando os olhos sonolentos. Seu cabelo loiro estava bagunçado como um ninho de ratos.

— Contente?

— Com o quê?! — Ela levantou uma sobrancelha.

— A vovó foi embora por culpa sua! — Coloquei as mãos na cintura e rosnei para ela.

— Eu não mandei ela embora. — Cecília me lançou um olhar de desdém e eu quis bater nela.

— Mas foi o que você falou com ela que fez com que quisesse ir embora. Achei que você se importasse com a família.

— Eu me importo com a família quando ela se importa comigo! — Mostrou os dentes.

— Você deveria gostar da vovó como eu gosto!

— Como vou gostar de uma pessoa que eu nem conheço?

Rosnei e cerrei os punhos enquanto sentia a raiva subir em mim como o leite quando fervia. E eu, definitivamente, estava fervendo.

— Que gritaria é essa? — Papai saiu do seu quarto e olhou feio para nós duas.

— A vovó foi embora por causa de vocês! — Balancei as mãos e bati os pés, furiosa.

— Ela nem deveria ter vindo. — Ouvir meu pai dizer aquilo me deixou com raiva dele também.

— Ela errou, mas não temos que odiar ela para sempre.

— Charlotte... — Meu pai cruzou os braços e me olhou com aquele ar que fazia toda vez que ia me dar uma bronca.

— A culpa é de todos vocês! — Entrei no meu quarto furiosa.

— Charlotte! — Meu pai segurou a porta com o pé antes que batesse e entrou no quarto junto comigo.

— Odeio todos vocês! — Sentei na cama e cruzei os braços, fazendo um bico maior do que a tromba de um elefante.

Eu não odiava ninguém, talvez tivesse pegado um pouco pesado, porém, no auge da minha raiva, as palavras saíram da minha boca sem que me desse conta.

Papai respirou fundo e sentou ao meu lado. Ele passou o braço ao redor dos meus ombros e me puxou para junto dele. Eu me aninhei no seu peito e comecei a chorar como fazia quando tinha seis anos e achava que ele era o meu super-herói.

— Essa não era para ser uma viagem feliz em família?

Fiz que sim sem olhar *pra* ele.

— Então, por que estava brigando com a sua irmã?

— Porque é culpa dela! Não fez o menor esforço para ficar com a vovó ontem, nem quis conhecê-la.

— Minha mãe disse que foi embora porque a Cecília fechou a cara para ela?

Fiz que não.

— A vovó quer que você perdoe ela, pai.

— Mas a sua vó fez algo de muito errado e, quando as pessoas fazem coisas erradas, são punidas. A punição da sua avó é conviver com a ideia de que talvez eu nunca consiga perdoar ela.

— Nunca? Nunquinha? — Olhei para os seus olhos verdes, soluçando.

— Eu não sei. Se ela tivesse ao menos contado, nem que fosse depois que meu pai morreu, talvez as coisas tivessem sido diferentes, mas ela não contou. Você não precisa ficar longe dela se não quiser, mas não pode obrigar a sua irmã a gostar dela.

— Mas a Cecília não a conhece. Talvez se desse uma chance a vovó, ela mudasse de ideia.

— Sua irmã vai precisar do tempo dela, assim como eu do meu. E quero que você peça desculpa a ela por ter brigado.

— Não vou, não! — Afundei a cabeça no peito dele balançando a cabeça em negativa várias vezes.

— Vai, sim!

— Mas, pai... — choraminguei.

— Do que adianta ficar com raiva da sua irmã e ela com raiva de você? Acha que isso vai fazer com que eu perdoe a sua avó mais rápido?

— Não, pai. — Engoli em seco.

— Então, vá pedir desculpas para sua irmã?

— Vou...

— Ótimo! — Beijou a minha testa. — Eu amo você, Charlotte.

— Também amo você, papai!

— Vá agora pedir desculpas a sua irmã. — Ele se levantou da cama.

— Agora? — Encolhi e olhei para o chão.

— Agora, mocinha.

— Tá... — Levantei da cama com um salto.

Ele caminhou ao meu lado e ficou esperando que eu batesse na porta da Cecília. Eu não tinha escolha: precisava pedir desculpas para a minha irmã.

Ela abriu a porta e olhou torto para mim como se esperasse que eu fosse gritar de novo. Respirei fundo e tentei abrir um sorriso enquanto sentia que meu pai acompanhava cada uma de minhas ações com o olhar.

— Desculpa, Cecília. — Puxei logo o esparadrapo para doer menos. — Eu não deveria ter gritado com você.

Ela abriu um sorriso e me abraçou.

— Tudo bem! Eu desculpo você.

— Ótimo! — Meu pai sorriu e voltou para quarto dele.

— Me desculpa mesmo ou fez isso só para ele não brigar com a gente? —
Examinei minha irmã com o olhar.

— Sim, Char, desculpo. Eu sei que você gosta dela, mas eu ainda não sei se quero perdoá-la.

— Você precisa dar uma chance para ela.

— Quem sabe um dia. — Deu de ombros.

— É, quem sabe um dia. — Abri um sorriso.

— Vamos nos arrumar para o café?

Fiz que sim e voltei para o meu quarto.



Lecilia

Capítulo

Dezenove

A chuva, que caía fina pela manhã quando a Charlotte bateu na minha porta, ficou ainda mais forte no momento em que descemos para o restaurante do hotel. As pessoas se apinhavam na recepção usando capas de chuva e carregando sombrinhas. Eu esperava que a chuva parasse logo para que não perdêssemos o passeio. Seria muito triste estar em Londres e passar o dia trancada dentro do hotel.

Senti um frio na barriga assim que passamos pelas portas de vidro do restaurante. Eu queria muito ver o James na mesma proporção que não queria. A conversa não tinha terminado da melhor forma possível antes de irmos dormir e, naquele momento, eu estava me sentindo uma boba. Meu peito estava apertado. *E se ele não quisesse mais conversar comigo?*

Assim que ele me viu, abriu um sorriso e eu soube que tudo estava bem entre nós dois.

Charlotte me pegou pelo braço e me puxou para um canto, nos afastando um pouco dos nossos pais.

— O que está rolando entre você e o garçom? Você não tá a fim do garçom, né? Estava falando do garçom quando disse aquilo para o Caio? — Eu mal tive tempo de responder uma pergunta porque minha irmã ia emendando uma na outra de um jeito louco e histérico. — Você anda conversando com ele? Caramba, Ceci! Com tantos caras em Londres, vai ficar a fim logo do garçom?

— O que você tem contra o fato dele ser um garçom? E não viaja! Não tem nada acontecendo.

— Acha que eu não vi quando ele riu *pra* você? — Mordeu os lábios e me encarou séria.

— Ele poderia estar sorrindo para qualquer pessoa.

— Ah, qual é, Cecília! Acha que sou boba?

— Meninas, vamos nos sentar. — Meu pai fez um gesto para que nos aproximássemos da mesa onde ele estava se sentando com a minha mãe.

Puxei meu celular do bolso e mandei uma mensagem para o James enquanto o encarava sem conseguir parar.

Ceci*

Não mexe comigo hoje ?? . Minha irmã tá na minha cola ???? .

Fiquei observando quando ele terminou de pegar as louças sujas de uma mesa e colocou a bandeja no balcão da cozinha antes de puxar o telefone do bolso e responder a minha mensagem.

James

O que que tem ela? ?? Só porque eu queria beijar mais você? O de ontem foi tão bom. ????

Ceci*

Não inventa! Meus pais estão aqui.

James

Ok! Eu fico na minha. Mas você tem que se encontrar comigo depois do café no corredor da lavanderia onde não tem câmeras.

Ceci*

Eu não posso u.u

James

Não aceito não como resposta. ??

Ele guardou o celular e percebi que não responderia mais as minhas mensagens. Suspirei. O pior de tudo era que queria muito me encontrar com ele.

Durante o café, meus pais e a minha irmã conversaram sobre muitas coisas que eu não dei importância. Por alto, eu os ouvi tentando resolver para onde iríamos com essa chuva e acabaram decidindo esperar pela manhã no hotel. Depois, tentaríamos ir ao Museu Britânico. A esperança era que a chuva forte passasse até o período da tarde.

Fiquei tentando não encarar James, por mais que ele não disfarçasse. Charlotte e eu não estávamos em nosso melhor momento e não queria que ela fizesse um escarcéu com o que estava acontecendo entre mim e ele, nem que ela falasse isso para o Caio... Eu não queria magoar ele e muito menos que pensasse que eu era ruim, porque, até onde eu sabia, ele não tinha ficado com nenhuma menina e ainda estava tentando voltar comigo.

— Eu vou na empresa, quem quer ir comigo? — Meu pai nos encarou esperançoso antes de entrarmos em nossos quartos.

— Precisamos? — Charlotte torceu os lábios.

— Não, mas espero que uma de vocês possa assumir a presidência um dia.

— Papai, você ainda tem muitos e muitos anos como presidente. Além disso, vamos ter dois irmãozinhos que, talvez, queiram assumir o controle da empresa mais do que a gente. — Charlotte deu de ombros e entrou no quarto.

Eu fiquei encarando meu pai por alguns minutos. Queria muito ir até a empresa. Não esperava que, algum dia, eu fosse boa o suficiente para que os acionistas da empresa me escolhessem como presidente, mas seria bom ver de perto o império que meu pai geria. Quem sabe me inspirar com isso, já que ainda não havia decidido ao certo o que queria fazer na faculdade.

Porém, eu queria ver James. Tinha meio que assumido um compromisso com ele que não queria quebrar.

— Outro dia, pai! — Sorri e entrei no quarto.

— Vai lá querido, vou ficar aqui com elas — ouvi minha mãe comentar.

— Até mais tarde, meu amor.

Fui até o banheiro e escovei meus dentes. Passei as mãos molhadas pelos cabelos, tentando ajeitar as ondas. Estava nervosa e precisei respirar fundo várias vezes. Olhei para o relógio do meu celular e ainda faltava meia hora para o fim do período do café-da-manhã. Talvez eu pudesse ver um pouco de televisão. Sentei na cama e liguei o aparelho. Estavam falando de um incidente que havia acontecido no metrô e os policiais estavam preocupados com uma possível ameaça de terrorismo. Fiquei prestando atenção e, quando me dei conta, o horário já havia passado.

Sentia a ansiedade me corroer e um calafrio revirar o meu estômago como se

borboletas estivessem lutando para sair. Esfreguei minhas mãos uma na outra tentando mantê-las aquecidas, ainda que achasse que não era apenas frio.

Vamos lá, Cecília, ele está esperando por você.

Coloquei as mãos sobre o peito e respirei fundo. Era só me encontrar com um garoto. O que poderia dar errado?

Saí do quarto e guardei o cartão-chave no bolso. Segui algumas placas e virei em alguns corredores depois de descer até o andar de serviço do hotel. Eu estava muito nervosa; tinha medo que alguém me pegasse ali e me desse uma *superbronca* pelo o que eu estava fazendo. Tinhas placas para todo lado escrito que aquele acesso era restrito. Estava prestes a voltar, quando alguém me puxou pelo pulso e me arrastou até um corredor parcialmente escuro.

— *Você veio!* — James abriu um largo sorriso.

— *Sim, costumo cumprir as minhas promessas... E você praticamente me intimou.*

— *Que bom que fiz isso, então.* — Ele passou as costas da mão pela minha bochecha e eu estremei.

— *Não sei se devemos ficar neste lugar, alguém pode nos ver...*

— *Relaxa, Cecília!* — Segurou meus ombros e me fez encará-lo. — *Acha que eu a chamaria para vir em um lugar com risco de sermos pegos? Não se preocupe, linda. Ninguém passa nesse corredor. Só o zelador, uma vez por semana, para ver se tudo ainda funciona para o lado de lá.*

— *Por que não podemos nos encontrar em um corredor qualquer dos andares em que ficam os quartos?*

— *Porque um empregado não pode ser visto com uma hóspede.*

— *Ah, sim.* — Abri um sorriso amarelo.

— *Não se preocupa, estamos seguros aqui.*

— *Mas por que queria vir a um lugar onde não pudessem nos ver juntos? Poderia falar que foi levar para mim o serviço de quarto.*

— *Porque eu estava louco para fazer isso!* — James me puxou pela nuca e não tive tempo de reagir até sentir o peso dos seus lábios sobre os meus.

Era gostoso, quase tão bom como nas vezes em que o Caio me beijava. *Que ótima hora para lembrar do ex, hein?! Tentei afastar isso da minha mente enquanto me concentrava nas sensações, nas borboletas na barriga que pareciam ir escapando pouco a pouco. No entanto, quando senti as mãos dele subindo da minha cintura e entrando embaixo da minha blusa, fui varrida por um calafrio e o afastei.*

— *Eu acho que devíamos parar.*

— *Tudo bem. Desculpa se fiz algo que você não queria.*

— *Não foi isso. Só acho que podem acabar nos vendo aqui e você disse que um empregado não pode ser visto com uma hóspede. As coisas podem se complicar para você. Acho melhor eu ir.* — Saí meio tropeçando nas minhas próprias pernas até me distanciar o suficiente para que ele não me visse correr.



Charlotte
Capítulo

Vinte

Quando descemos para almoçar em um restaurante de comida chinesa na esquina, a chuva já tinha passado. Enquanto caminhávamos, nós quatro lado-a-lado, eu, mamãe, papai e Cecília, percebi que a minha irmã estava pálida como se tivesse visto um fantasma, porém não fiz pergunta nenhuma. Talvez fosse só impressão minha.

Depois do almoço, fomos para o Museu Britânico. Confesso que nunca tive muito interesse naqueles pontos turísticos como a minha irmã parecia ter. Assim que descemos diante do lugar, que parecia um verdadeiro templo grego com um telhado triangular sustentado por altas colunas brancas circulares, os olhos de Cecília brilharam e, confesso, também fiquei empolgada. Peguei o celular e tirei uma *selfie* que enviei para o Henry, pois tinha certeza de que aquele era o tipo de lugar onde ele gostaria de ir. Meu namorado era um *nerd*, fazer o quê? Mas eu gostava muito disso nele. Achava fofo e empolgante.

Ele me respondeu com um *emoticon* apaixonado e fiquei sem saber se era reação a mim ou ao museu. Preferi pensar que era uma reação a mim.

— Quero ver a ala egípcia! — Cecília pegou meu pulso e saiu me arrastando assim que entregamos os nossos ingressos e passamos pela entrada.

— Calma, meninas! Não saiam correndo na nossa frente ou vão acabar se perdendo — reprimou a mamãe, o que fez com que Cecília diminuísse o passo.

Por menos fã de Museu que eu fosse, a história de cada peça pelas quais passávamos era fascinante. Logo chegamos à exposição do Egito Antigo que Cecília queria tanto ver. Mamãe tirava várias fotos dela enquanto Cecília fazia

caras e bocas ao se deparar com cada peça. Havia vasos, instrumentos usados no dia-a-dia, bustos, esfinges e algo que deixou até a mim empolgada: MÚMIAS! Tipo tinha a um homem com quase 2 mil anos mumificado em perfeito estado. Fiquei de boca aberta querendo me apoiar no vidro para olhar mais perto, porém sabia que ia ganhar uma bela bronca dos meus pais e dos seguranças. Mas que era incrível, isso era. Eu nem sabia como funcionava o formol naquela época, mas com toda a certeza deveriam saber usar muito bem, porque, poxa, era incrível!

Aquele lugar era gigantesco, acho que precisaríamos de uma semana ou mais para conhecer cada canto daquele museu, mas como não tínhamos isso, deixamos que a Cecília guiasse a nossa visita. Da exposição egípcia, de onde eu não queria sair e com uma dorzinha no coração, dei *tchau* para as múmias e seguimos até uma exposição sobre o Edvard Munch. Sabe aquela pintura que tem um cara que parece uma alienígena e está de boca aberta e as mãos ao lado do rosto? Isso! O Grito! Pois é, esse cara pintou ela. Na exposição dele tinha alguns rascunhos dessa obra e outras do artista, confesso que essa não foi a minha parte favorita do passeio, porém eu não disse isso para minha irmã. Meio que não queria que ela ficasse chateada.

E tinha uma exposição sobre mangás. Claro que mandei várias fotos para o Henry e vi meu namorado enlouquecer nas mensagens. Ri muito da forma como ele deixou claro que precisava ir ali quando comecei a mandar fotos do Dragon Ball Z. Este era o anime favorito dele no mundo, e só de vez em quando estava numa *vibe* Cavaleiros Do Zodíaco, mas eu achava que era para me agradar porque eu super preferia o Seiya ao invés do Goku. Eu praticamente fui intimada a tirar várias fotos e prometer que voltaria ali com ele.

Depois, seguimos para uma exposição sobre a China e, quando nos demos conta, já era quase noite e o lugar estava fechando.

— Precisamos ir embora, meninas.

Estávamos tirando uma foto com a Pedra de Rosetta quando meu pai fez um sinal para que nos aproximássemos dele.

— Mas já? — baixei os ombros, desapontada.

— Logo você, Charlotte? — Ele gargalhou ao cruzar os braços e me encarar.
— Nunca gostou muito de museus. Sempre perguntava, quando era pequena, *para que as pessoas gostam tanto de guardar coisas velhas?*

— Não seja tão exagerado, pai. — Olhei torto e fitei o chão branco sob meus pés quando Cecília começou a rir de mim.

— Por que não vamos logo? Eu estou com fome e acho que os meninos também. — Mamãe colocou a mão sobre a barriga.

— Quero ir ao BK! — Minha irmã faltou dar pulinhos.

— Hambúrguer, Cecília? — Mamãe revirou os olhos.

— Por que não? Dizem que é o mais perto de comida igual ao Brasil, o *fast food*.

— Veio do outro lado do oceano para comer algo igual?

— Por que não vamos ao shopping? — Papai tentou apaziguar a breve discussão. — Lá, cada um pode escolher onde quer comer.

— Tudo bem. — Mamãe assentiu.

Enquanto eles pensavam em comida, eu pensava em compras. Havia coisas que eram muito mais baratas e outras, impossíveis de se achar no Brasil e que eu queria muito.

Por fim fomos ao shopping e ficamos lá até o sol se pôr completamente, o que no verão acontecia quase dez horas da noite.



Lecilia

Capítulo

Vinte e um

Cai exausta na cama após o banho. Assim que eu peguei meu celular vi que tinha umas dez mensagens do James. Tinha ficado tão empolgada com a visita ao Museu Britânico que esqueci completamente do meu celular.

James

Esta chateada comigo? ??

Ceci*

Por que estaria? ??

James

Você praticamente saiu correndo depois do nosso encontro pela manhã e não respondeu nenhuma das minhas mensagens ?? . Fiquei preocupado, comecei a achar que tinha feito alguma grande estupidez. ????

Ceci*

Desculpa eu estava com a minha família no Museu Britânico. Foi muito incrível! ?? Estava na lista dos lugares que eu precisava visitar.

James

Fui trocado. ??????

Ceci*

Não seja dramático. ??

O que você fez a tarde toda?

James

Trabalhei... Pensei em você... Sai do trabalho pensando em você e agora estou aqui pensando em você de novo.

Ceci*

Até parece ??

James

Duvida de mim? ??

Ceci*

Você é muito dramático, sabia? ??

James

Me julgue por estar apaixonado. ??

Li a mensagem umas cem vezes. Talvez mil. Ele não podia dizer aquilo, podia? Como um cara lindo assim estaria apaixonado por mim se nós nem nos conhecíamos direito? Só fazia alguns dias que eu estava em Londres...

Ceci*

Você me conhece não tem nem uma semana. ??

James

Só precisei de algumas horas para ter certeza.

Ceci*

James...

James

O que precisa que eu diga para que você tenha certeza?

Ceci*

Nada. ??

James

Então acredita em mim. ??

Ceci*

O.k.

James

Só O.K.? ??

Ceci*

O que mais quer que eu diga?

James

Pode começar dizendo que também gosta de mim.

Ceci*

Tem pouco tempo que nós conhecemos. Eu não sei...

James

Quem disse que tem tempo mínimo para gostar de alguém? ??

Ceci*

Ninguém disse nada ??

James

Então, para com isso. ??

Me deixa ver você ?? . Estou com saudades.

Ceci*

Me ver? ??

James

Sim, você é tão linda ???? . Quero ver você.

Ceci*

Uma chamada de vídeo?

James

Não precisa. Pode ser só uma foto.

Vou mandar uma foto minha.

James enviou uma imagem. Nos primeiros segundos que olhei para a foto, fiquei novamente envergonhada. Mas, depois, até que gostei dela. James estava deitado na cama, outra vez sem camisa. *Será que ele precisava ganhar uma nova?* Ri desse meu pensamento. Os olhos azuis dele estavam semiabertos e seu cabelo estava bagunçado.

James

Agora quero a minha foto. ??

Ceci*

Estou cansada do passeio da tarde.

James

Não me importo, manda a foto ??

Ceci*

O.k.

Bati uma selfie e mandei para ele.

James

????????? Muito linda.

Ceci

??

James enviou outra foto. Minhas bochechas arderam assim que eu vi a imagem. Nesta, ele estava bem mais exposto, tipo os meninos no clube ou na praia. Só que não era um calção de banho...

Ceci*

????????? *Por que mandou essa foto?*

James

Não gostou, não me acha bonito?

Ceci*

Acho... Não é isso. ??

James

Se tem medo da sua mãe pegar seu telefone é só apagar. ????

Ceci*

Ela não mexe no meu telefone.

James

Então é isso ?????? Sou feio ??

Ceci*

Você sabe que não é . ??

James

É a explicação para você não querer uma foto minha.

Ceci*

Gosto de fotos suas. ??

Ele me enviou outra foto, desta vez em outra pose.

Ceci*

Você é bonito ?? . Muito bonito.

James

Nunca recebeu fotos assim?

Ceci*

Não. ??

James enviou outra imagem.

Ceci*

?????? *Você está...*

James

Estou indo para o banho e pensei se não queria vir comigo ??

Ceci*

Não quero.

James

Não quer ou acha que não pode? ??

Ceci*

Não quero e não posso.

James

Quem disse que não?

Ceci*

Eu estou dizendo.

James

Só por que tem vergonha? Nunca teve vontade?

Ceci*

Não.

James

Não o quê?

Ceci*

Não acho certo.

James

Por que não? Sua mãe falou que não pode? ?? Sempre falam que não pode.

Ceci*

Ainda sou muito nova.

James

Bobagem ?????

Ceci*

??

James

Diz para mim que não tem vontade.

Ceci*

Isso não importa ??

James

Claro que importa. O que sente quando olha para a minha foto? Gosta? Sente alguma coisa?

James enviou mais uma imagem.

Ceci*

?????????????

James

Assim que fico quando estou pensando em você.

Tira uma outra foto para mim, por favor.

Ainda estava num misto de choque e surpresa quando bati outra *selfie* e mandei para ele.

James

???? *Isso não é justo.*

Ceci*

O que foi?

James

Só tem seu rosto. Ele é lindo, mas me deixa ver mais, por favor.

Afastei um pouco mais o celular e mandei outra um pouco mais afastada.

James

Lindo o seu pijama ! ?? Mas me deixa ver você sem ele.

Ceci*

?? Não posso.

James

Por favor, prometo apagar assim que receber.

Ceci*

Não... O Caio nunca me pediu uma foto assim.

James

*Nós dois sabemos que ele não estava interessado em você de verdade.
Por favor, apago assim que receber. Prometo.*

Ceci*

Apaga mesmo?

James

Prometo.

Soltei o celular na cama tremendo, com muita vergonha. Uma parte de mim queria mandar a foto, a outra estava bem apavorada. Mas era só uma foto, né? Ele já havia me mandado várias e prometeu que apagaria. Além disso, eu já havia ido de biquíni para vários lugares. Tirei o pijama e enviei a foto para ele, sentindo o celular escorregar das minhas mãos que suavam frio.

James

?????? *Você é linda demais, Cecília. Quero beijar você inteira.*

Ceci*

??????

James enviou uma imagem.

James

Me manda uma foto assim.

Ceci*

???????? Não.

James

Por favor. Quero ver você...

Ceci*

???? *James, não...*

James

Você me viu. Só quero que fique justo.

Ceci*

Não pedi foto assim.

James

Não gostou? ??

Ceci*

Não é isso . ??

James

Só uma foto Cecília. Apenas uma.

Ceci*

Não, sei não. ??

James

Você quer... Sei que quer. Tira tudo e me manda só uma foto.

Ninguém mais vai ver, só eu. Eu prometo.

Ceci*

Promete?

James

Apago assim que ver.

Ceci*

??????

Tirei o resto da roupa e mandei a foto.

James

?????? *OMG! Você é muito linda mesmo. ?? Vou dormir feliz hoje.*

Ceci*

Bobo ??

James

?? *Vou ter ótimos sonhos com essa foto hoje.*

Ceci*

Apaga logo!

James

Já apaguei. Mas está na minha memória.

Ceci*

????????

James

??????

Linda, preciso ir dormir. Amanhã levanto cedo. Sonha comigo porque eu com certeza vou sonhar com você, mesmo depois de ter tomado um banho bem gelado.

Ceci*

Boa noite! ??



Charlotte
Capítulo

Vinte e dois

Charlotte

Acordei com meu celular tocando e decidi ignorá-lo. Porém, assim que achei que pararia, a pessoa insistente decidiu lugar de novo. Praguejei baixinho quando puxei o aparelho que havia colocado de qualquer jeito no criado-mudo e vi o nome da minha melhor amiga.

— Katarina, você sabe que horas são aqui?

— Cinco da manhã, eu acho.

— Então, me deixa dormir! Tô exausta e tá um frio gostoso.

— Se você parar para ouvir o que eu tenho para dizer vai acordar na hora.

— Nem se o mar estiver se dividindo. Isso pode esperar até amanhã.

— Não, Char, não pode. Olha a foto que estou mandando para você aí.

Estremeci, Katarina não iria estar me amolando sabendo que eu gostava tanto de dormir se não fosse algo muito grave.

— Tem alguma coisa a ver com o Henry? — Engoli em seco.

— Não, é pior.

Meu celular vibrou e eu o afastei da orelha para ver o que era. Fiquei pálida.

Ainda bem que estava parcialmente deitada, porque eu teria caído dura.

— Que brincadeira é essa?! — comecei a xingar de todas as formas que sabia.
— É alguma pegadinha, Kat?

— Se eu não soubesse que você tem uma irmã gêmea, ia perguntar por que alguém tem uma foto sua sem roupa. A Cecília ficou louca?!

Por sorte eu ainda estava com muito sono porque, do contrário, estaria tendo um belo ataque de pânico. *Como assim tinha uma foto da minha irmã gêmea pelada circulando na internet?!*

— Como conseguiu essa foto, Kat?

— Sabe que meu irmão foi para Oxford no ano passado, né? Ele me mandou, perguntando se não era você. Parece que tem um *blog* de um cara que posta foto de meninas e a sua irmã foi parar lá.

— Que m...! Tudo bem, você conseguiu me acordar.

— Foi mal, Charlotte, mas eu achei que precisava saber dessa foto. Além dela ser exatamente como você, é a sua irmã.

— Obrigada, Katarina.

— O que você vai fazer agora? — Minha melhor amiga parecia bem tensa do outro lado da linha.

Eu estava contendo os meus nervos para não começar a gritar.

— Não sei. Conversar com a tonta. — Respirei fundo. Ainda estava tentando não ter um ataque de nervos. — Sabe se mais alguém da escola viu essa foto?

— Não sei não, mas está num *blog*. Acho que é só questão de tempo para que

o pessoal fique sabendo que *tá* rolando uma *nude* da Cecília por aí.

— Ai! — Bati a mão na cabeça e puxei o cabelo. — Obrigada por me falar, Kat! Preciso tentar resolver isso antes que o mundo todo veja.

— Vai lá, amiga! Depois me diz o que rolou.

— *Tá!* — Desliguei a chamada e levantei da cama.

Vesti um roupão por cima do pijama porque estava muito frio e saí do quarto. *Cecília, sua tonta!* Enquanto eu batia na porta do quarto dela, fiquei me perguntando como uma foto da minha irmã daquela forma tinha ido parar em um *blog*. O pior de tudo era ela ter tirado uma foto daquela! Minha irmã não podia ser tão inteligente e tão boba ao mesmo tempo.

Bati mais uma vez, com toda a minha força, sem me importar se poderia acordar os hóspedes nos quartos do andar. Só pararia quando a minha irmã abrisse a porta.

— O que foi, Charlotte?! — Ela finalmente apareceu com os olhos semicerrados e os dentes trincados.

Queria verificar se ela iria manter aquela expressão de raiva quando eu contasse para ela a encrenca em que havia nos metido. Porque, sendo iguais, era óbvio que iam comparar e fazer piadinhas. *Ah, Cecília!* Precisei me conter para não dar uma voadora nela. Ao invés disso, eu a empurrei para dentro do quarto e tranquei a porta.

— Por que, mesmo sendo a mais certinha, você é a primeira a se meter em encrenca?

— Quê? — Ela arregalou os olhos verdes. — Do que você está falando, Char?

— Tô falando disso! — Puxei o celular do bolso.

Cecília ficou boquiaberta e cambaleou para trás até cair sentada na cama.

— Como conseguiu essa foto? — Ela estava pálida.

— A Katarina me mandou. O irmão dela que mora aqui viu em um *blog* agora há pouco.

— Como?! — Ela estava tremendo.

— Eu quem pergunto, irmã! Para conseguirem uma foto assim sua, você tem que ter mandando para alguém. Não acredito que você foi tão tonta, Cecília!

— Ele falou que não ia mandar para ninguém. — Ela cobriu o rosto com as mãos e começou a chorar.

— Ele quem? O Caio? Foi porque você não voltou com ele? Por mais idiota que ele seja, acho que não seria tão escroto. Para quem você mandou essa foto, Cecília? — Caminhei para perto dela e parei na sua frente com as mãos na cintura.

Ela só sabia chorar. Estava soluçando com tamanho desespero, mas o choro não resolveria a encrenca toda.

— Para quem você mandou essa foto, Cecília?

— Para o James.

— Quem é James... — Antes de terminar a minha pergunta, eu me calei e percebi a resposta. — Você mandou a foto para o garçom?

Ela fez que sim sem parar de chorar. Queria estapear ela por ser tão ingênua, no entanto isso não mudaria as coisas, como o choro irritante da minha irmã não

mudava.

— Você me disse que não estava rolando nada com ele.

— Achei que você me encheria o saco.

— Aí, você não me contou que estava ficando com esse cara, mas mandou um *nude* para ele? — Bati a mão na testa e balancei a cabeça em negativa. — Cecília, você é muito idiota! Achei que éramos amigas!

— Você estava brava com o que aconteceu com a vovó. Achei que tinha brigado comigo. — Ela olhava para o chão enquanto apertava os joelhos.

— Aí, por causa disso, você mandou foto pelada para um desconhecido?

— Não foi por causa disso. — Engoliu em seco. — E eu não estou totalmente nua!

— Sua tonta! Daqui a pouco a escola toda vai ver essa foto.

— Minha vida acabou. — Voltou a chorar.

— Você tem que contar para os nossos pais.

— Eu não posso! — Abraçou um travesseiro. — Eu tenho vergonha. Vão ficar muito desapontados comigo.

— Eles vão descobrir de qualquer jeito, Cecília. Se essa foto for parar num site de fofocas, vai ser muito pior. E só o papai pode evitar que isso aconteça.

— Eu não deveria ter mandado essa foto.

— Não deveria, Cecília. Mas, agora que mandou, precisa contar *pra* eles.

Ela ficou estalando os dedos sem coragem para me encarar.

— Você tem que falar *pra* eles e logo. Vai lá conversar com eles ou vou eu?

— *Tá*, eu vou.

Esperei ela bater na porta do quarto dos nossos pais e voltei para o meu.



Lecilia

Capítulo

Vinte e três

Eu estava tremendo. O desespero roía meus ossos. A sensação de que a minha vida tinha acabado foi igual ou pior da que senti quando eu fui sequestrada. E, daquela vez, eu nem *tava* lidando com bandidos de verdade.

Eu tinha confiado no James, mandado uma foto que ele prometeu não deixar mais ninguém ver e agora só Deus sabe quantas já tinham visto.

Estava chorando quando a mamãe abriu a porta.

— O que aconteceu, filha? — Ela segurou a maçaneta da porta enquanto olhava bem para mim.

— Mamãe, eu fiz algo terrível.

— O que houve?

Voltei a chorar e ela me puxou para dentro.

— Ah, Cecília! O que foi, pipoquinha? — Ela me abraçou. — O que está acontecendo?

— Podemos ir para o meu quarto?

Ela fez que sim e me seguiu. Sentei na cama e mamãe sentou diante de mim, me estudando com o olhar, tentando entender o que estava acontecendo comigo.

— Mamãe, sabe o garçom do restaurante?

— Aquele bonito?

Fiz que sim.

— Eu me encontrei com ele algumas vezes e nos beijamos.

— Cecília... — Mamãe tocou minha perna e eu quis chorar mais ainda.

— Calma, mamãe, não acabei.

Era *megaconstrangedor*. Eu queria ir para Marte e nunca mais voltar, mas não podia... Coloquei a minha mão sobre a dela e contei tudo o que tinha acontecido. Desde o momento em que começamos a conversar, a ida ao Starbucks, o beijo na livraria e, por último, o mais importante e vergonhoso de todos, a conversa pelo celular na noite anterior.

Ela ficou de pé e começou a caminhar de um lado para o outro do quarto. Massageava as têmporas e passava as mãos pelo cabelo como se fosse arrancá-lo com um puxão. Quando ela se virou para mim, achei que seu olhar me queimaria.

— Cecília Zanette Donelli! — Mamãe suspirou ao me encarar. Imaginei que ela estava processando o choque que eu tinha dado nela. Ou se contando para não me esganar.

Mordi a língua. Era meu fim...

— Por que mandou uma foto assim para ele? Achei que fosse mais esperta, Cecília! Por tudo que é mais sagrado, o que estava passando na sua cabeça?! — Ela cerrou os punhos e respirou fundo outra vez. Poucas vezes eu tive a sensação de que minha mãe me partiria no meio. — Eu sempre conversei tanto com você para evitar que fizesse coisas estúpidas... Mas, meu Deus do céu, Cecília, uma foto nua para um estranho? Não posso acreditar que uma pessoa tão esclarecida como você faria isso! Você não assiste jornal? Você não acessa a internet?

Pressionei os olhos tentando conter as lágrimas para não voltar a chorar. Mamãe tocou meu ombro e engoli em seco. Fiquei em silêncio e ela me encarou até que eu percebesse que não tinha outro jeito a não ser abrir a boca.

— Você precisa me contar, Cecília, e precisa contar absolutamente tudo o que aconteceu. Só assim eu vou poder te ajudar a lidar com isso.

— Ele me pediu... Prometeu que não mandaria para ninguém, mas, ao invés disso, postou em um *blog*. — Queria abrir um buraco no chão e me esconder lá para sempre. Eu nunca tive tanta vergonha de encarar a minha mãe como daquela vez.

— Cecília, fotos são registros reais e não desenhos. Nunca deve mandar fotos assim para ninguém, Cecilia, nem para o seu namorado! Nem para o marido! Mesmo que confiemos neles, mesmo que eles não queiram, você sabe que esses aparelhos podem ser *hackeados* e as imagens terminarem nas mãos de quem não deviam. Você nem me contou que estava se envolvendo com esse rapaz... Você nem conhece o rapaz, Cecília! O que eu falei para você? *Sempre contar tudo para mim!* Ele parece um homem e você é só uma menina.

— Ele me disse que tem dezoito anos.

— Sei não. — Ela mordeu o lábio. — Acho que tem mais. Seja como for, ele não é boa pessoa. Além de enviar fotos dele, ainda pediu suas. Isso é aliciamento, Cecília, é crime! Além disso tudo, ele ainda postou num *blog*! — Voltou a massagear as têmporas. Mamãe estava surtando bem ali na minha frente e a culpa era toda minha. — Independente do que ele fez, nada disso teria acontecido se não tivesse mandado a foto! Ele pode ser um criminoso, mas você foi muito ingênua.

— Eu sei! — Abaixei o rosto, chorando ainda mais.

Ela me abraçou e fez carinho no meu cabelo. Achei que fosse gritar ainda mais comigo, mas ela me acolheu como fazia quando eu tinha pesadelos de noite.

— Não entendo, Cecília, uma pessoa tão esclarecida como você, tão bem informada... Por que mandou essa foto *pra* ele, Cecília?

— Já disse, mamãe. Ele pediu... — Voltei a chorar.

— Cecília, se qualquer cara pedisse uma foto sua pelada, você mandaria?

— Claro que não, mamãe! — respondi rápido demais.

— Então, por que mandou? Você queria dormir com esse rapaz?!

Arregalei os olhos e meu queixo foi no chão e voltou. Se a minha mãe estava pensando uma coisa dessas, todo mundo deveria. *Cadê a minha passagem só de ida para Marte?* Comecei a roer as unhas.

— Cecília... — mamãe insistiu e eu vi que não podia correr.

— Não, mãe! Eu nem conheço ele direito.

— Então por quê? Me fala, Cecília, o que estava passando na sua cabeça?

— Eu estava conversando com ele pelo *cel*, aí ele começou a mandar fotos e mais fotos... Sei lá, mãe, foi como se eu tivesse obrigação de mandar para ele também.

Mamãe cruzou os braços e depois me encarou.

— O que eu já falei com você várias vezes?

— Não deixar nenhum cara me obrigar a nada...

— Exato. A nada. Se você não se sente confortável, não faça. Se estiverem te forçando, conte para mim.

— Eu sei, mãe, mas não pensei... Achei que não ia ter nada demais...

— Você não é mais uma criança, Cecília! Vai ser sempre a minha menina, mas sabe muito bem o quem está fazendo, o que é certo e o que não é... Mandar uma foto dessas foi, no mínimo, muita ingenuidade. Tem muito cara se aproveitando das garotas, Cecília. Quantas vezes eu já te falei isso?!

— Ah, mamãe! Eu quero sumir.

— Não. Você precisa lidar com isso. Não pode fugir dos problemas que você mesma causou. Mas seja lá o que for, eu sempre vou estar aqui. Sou sua mãe e amo você! Mesmo quando faz coisas das quais vai se arrepender *pro* resto da vida, eu vou estar aqui do seu lado.

Abracei mamãe com toda a minha força. Eu ainda estava apavorada e com muita vergonha, mas perto dela, me senti segura.

— Precisamos contar para o seu pai. Vamos ter que ir à polícia.

— Polícia? — Arregalei os olhos.

— Sim. Ele expôs você, então tem que ser punido. Não sei como é o direito inglês, mas, no Brasil, temos leis contra isso. Além disso, você é menor de idade, um agravante.

— Eu quero sumir. — Deitei na cama e cobri o rosto com o travesseiro.

— Toda a situação é muito grave, Cecília. — Minha mãe me encarou com uma expressão séria. — Sei que não vai ser fácil, mas vamos ter que lidar com isso. Você terá que encarar tudo o que aconteceu. Quando fiquei grávida de vocês, muita coisa mudou porque eu e o seu pai éramos ingênuos demais para

lidar com as coisas. Eu abandonei a faculdade de Direito, criei você sozinha. Aprendi, da maneira mais difícil que, todos os nossos erros ou falhas afetam a nossa vida toda. Com relação aos relacionamentos, você não precisa pular nenhuma etapa. Você tem apenas quinze anos, Cecília. Se o garoto não entender o seu tempo, ele não merece você.

— O James foi um idiota!

Ela suspirou. Na verdade, imagino que tenha pensado que *eu* fui idiota.

— O que está feito, precisa ser enfrentado. Não adianta olhar para trás. Precisamos de um plano para o futuro.

— Oh, mamãe, você vai me ajudar?

— Sempre, Cecília. Eu posso estar muito brava com o que você fez, mas nunca, em nenhuma hipótese, vou sair do seu lado.

— Nunca mais vou voltar para a escola!

— Ah, mas vai... Você tem que voltar. Meu maior arrependimento foi ter largado a faculdade. Você precisa voltar para escola, Cecília. O que eu te disse agora há pouco?

Suspirei, soltando o ar com força.

— Todo mundo vai saber dessa foto, vai ter visto ela, mamãe.

— E vai deixar que um erro atrapalhe sua vida toda?

Queria voltar no tempo e desfazer o que tinha feito. Estava muito arrependida. Me sentia uma otária por ter confiado em alguém e ter sido exposta daquela forma. Tinha vergonha de olhar para mim mesma, quanto mais olhar para as outras pessoas. Só de pensar na possibilidade de todos terem visto aquela

foto eu ficava aterrorizada.

Caio...

— Vamos agora contar para o seu pai — ela falou.

Balancei a cabeça em negativa.

— Sim, Cecília. Ele é o seu pai e nós precisamos contar para ele.

— Mãe... — Olhei para ela com as lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Vamos passar por isso, filha. Infelizmente, não posso desfazer o que você fez. Só posso ser sua mãe e ajudar você. — Ela estendeu a mão e eu franzi o cenho. — Celular.

— Tá... — Dei o aparelho para a mamãe. Eu meio que não queria ficar olhando para ele também.

— Espero você no meu quarto. Levante, lave essas lágrimas e vamos até lá. Faz parte de resolver os problemas assumir que eles existem.

Ela se levantou da cama e saiu do quarto sem dizer mais nada. Eu imaginava o quanto ela deveria estar desapontada comigo. Sempre contava tudo para ela, tudinho... Quando não fiz isso deu uma m... gigantesca.

— Vitor, acorda, meu amor, nós precisamos conversar — ouvi ela dizer ao abrir a porta do quarto à frente.

Meu sangue congelou, nem queria pensar o quanto p da vida meu pai ia ficar com tudo isso. Me encolhi debaixo do travesseiro. Quis desaparecer.



Charlotte
Capítulo

Vinte e quatro

Charlotte

Eu não consegui voltar a dormir e duvido que alguém no mundo teria conseguido. Depois de uma hora rolando na cama, me levantei e fui até o banheiro para lavar o rosto.

Peguei meu celular e mandei uma mensagem para o Henry.

Charlotte ??

Acordado?

Henry ??

Sim... ?? Sem saber se mandava mensagem para você ou não.

Charlotte ??

Você sabe? ??

Henry ??

É, eu vi... ??

Charlotte ??

Henry!!! ??????

Henry ??

??

Charlotte ??

Tô acabada ??????

Como você recebeu essa foto?

Henry ??

O irmão da Katarina é amigo do irmão do Artur que espalhou para todo mundo.

Charlotte ??

Ah! ?????? Vou morrer.

Henry ??

Calma...

Charlotte ??

Ela não é só minha irmã, Henry! É minha irmã gêmea. ??

Henry ??

Você é morena agora, Char! Relaxa.

Mas o que aconteceu?

Charlotte ??

Ceci conheceu um idiota aqui. ??

Henry ??

Então o lance do outro cara era verdade?

Charlotte ??

Era! Mas espero que esse babaca seja preso. ??

Vou ver o que aconteceu depois que meus pais descobriram.

Nos falamos mais tarde.

Henry

Tudo bem. Até mais, Char.

Saí do quarto e vi que a porta dos meus pais estava aberta e que estavam conversando com a Cecília. Pouco depois, meu pai saiu pelo corredor sem me ver. Cecília saiu e se trancou no quarto, sem sequer olhar para mim. Assim que fiquei sozinha, entrei no quarto deles.

— Onde o papai está indo, mãe?

Ela passou as mãos pelos cabelos loiros e me encarou após um longo suspiro.

— Seu pai está indo se encontrar com um advogado de confiança, já que nem eu nem ele terminamos o curso de Direito e não conhecemos bem a legislação inglesa.

— A Cecília foi ingênua e aquele sujeito se aproveitou dela. — Mamãe bateu na cama ao lado dela e eu me sentei ali. — Quero que você dê apoio *pra* a sua

irmã, tudo bem? Ela vai precisar muito.

— É, eu sei... — Apertei meus joelhos. — Mandaram a foto *pro* Henry, então acho que toda a escola já deve ter visto. Espero que todo mundo esqueça de tudo antes de as férias acabarem, porque, se não, vão ficar me imaginando naquela foto também, mãe! A Cecília tinha que lembrar que as coisas que ela faz não afetam só a ela.

— Charlotte! Não é isso o mais importante agora! Sua irmã precisa de apoio, de segurança, para saber que um erro não é o fim de sua vida. Somos família dela, Charlotte, e devemos nos unir, passar por isso juntos.

— Podemos mudar de escola? — Eu me escolhi.

— Veremos, Charlotte. — Ela me olhou com raiva.

— Vamos para outra. Por favor, mãe... Não vou aguentar toda a humilhação. — Apoiei a cabeça no ombro dela.

— Por ora, vamos lidar com a situação aqui de Londres, tentar conter o estrago. Depois, pensamos em escola. Eu e seu pai vamos estar lá para vocês duas, Charlotte. E Henry é um bom garoto. Tenho certeza que a apoiará também. — Afagou meus cabelos.

— Ah, mamãe...

— Vai ficar tudo bem, Charlotte. Seu pai vai entrar com uma medida para tirar a foto do ar.

— Mas todo mundo já viu, mãe.

— Não podemos apagar o passado, Charlotte, mas podemos aprender a lidar com o futuro, com as consequências dos nossos atos. Então, vamos superar isso.

Eu a abracei e minha mãe retribuiu. Ficamos assim por alguns minutos até que eu me afastasse.

— Será que esse maldito já chegou para o trabalho? Quero quebrar a cara dele!

— Charlotte, o que eu falei sobre ficar ameaçando bater em todo mundo? — Olhou torto para mim e eu me encolhi desviando o olhar para o abajur sobre o criado-mudo.

— Para parar com isso...

— Então, filha?

— Vou parar.

— Melhor assim. — Sorriu. — Vamos até o quarto da Cecília comigo?

— Não é melhor deixar ela sozinha um pouco?

— Quero conversar um assunto sério com vocês duas.

— Mas eu nem fiz nada. — Me encolhi.

— Mas, talvez, tenha chegado o momento de conversarmos a sério. Não é uma bronca. Só quero ter uma conversa séria com as duas.

Assenti e a segui até o quarto da Ceci. Minha irmã abriu a porta na segunda batida e nós três nos sentamos em triângulo na cama.

— O que foi, mamãe? — Cecília estava tão envergonhada que nem conseguia olhar nos olhos da gente.

— Quero conversar com vocês sobre... sexo.

Fiquei vermelha e encarei o lençol da cama. *Por que aquele assunto agora?*

— Já tive aulas na escola, mãe. — Dei de ombros.

— A escola nunca prepara a gente para o que sentimos e nem para as situações mais específicas.

A Cecília aprontava e o papo-cabeça sobrava para mim também.

— Amo demais vocês, meninas, e são a coisa mais importante da minha vida — ela acariciou a barriga cada vez mais redonda como se sentisse meus irmãos lá dentro. —, mas ficar grávida de vocês bagunçou todos os planos que eu tinha. Não me arrependo, mas tive que abrir mão de coisas por causa de um descuido. Não quero que vocês tenham que abrir mão de nada.

— *Tá*, mãe! Ninguém *tá* pensando nisso ainda. — Tentei acabar com assunto antes de ficar constrangida demais.

— E gravidez não é o maior problema disso tudo. Tem doenças, sentimentos, expectativas. É algo muito íntimo que pode nos fazer feliz ou frustrar demais, nos machucar para sempre. A perda da virgindade é algo muito importante para uma pessoa, homem e mulher. Quando forem pensar nisso, quando tiverem vontade de pensar nisso, de fazer isso, quando tiverem alguma dúvida, quero que conversem comigo, *tá* bom? Podem me prometer isso?

Cecília fez que sim.

— *Tá*, mãe, prometo. — Sorri.

— O que está acontecendo com a Cecília é apenas uma das tantas consequências que podem surgir em uma relação íntima. Estou irritada e decepcionada com você, Cecília, mas agradeço que não tenha sido pior, porque esse rapaz poderia ter feito muito mal a você.

Cecília se encolheu ainda mais e mamãe voltou a falar.

— Quanto aos celulares, quero que vocês manejem nas mensagens e fotos e prestem muita atenção ao que fazem. Pensem nas consequências. Lembrem do que está acontecendo agora.

Mamãe nos puxou para um abraço, dando um beijo em cada uma de nós. Levantei e fui para o meu quarto.



Lecilia

Capítulo

Vinte e cinco

Não sabia que horas eram, só que já havia passado muito tempo porque o sol já havia aparecido na parede de vidro e inundado todo o quarto. Eu ouvia o som das pessoas e veículos passando na rua, mas não tinha a menor vontade de me mexer na cama. Queria nunca mais precisar me levantar dela outra vez. Talvez, se eu derretesse, me fundisse ao lençol. Era a melhor coisa que poderia acontecer comigo naquele momento.

Alguém bateu na porta, mas eu não me movi, continuei com o rosto enterrado no travesseiro.

— Cecília, abra a porta! Sou eu, seu pai.

Primeiro congelei. Depois, comecei a tremer de pânico. Talvez, eu devesse ficar feliz com a presença dele, já que, da última vez em que estive enrascada, foi ele quem apareceu e me livrou dos sequestradores.

Desta vez, entretanto, era bem diferente. Tinha me enfiado naquela encrenca enorme sozinha.

— Cecília! — Ele bateu outra vez e eu sabia que, se não abrisse, ele ia acabar arrombando.

Juntei o restante de coragem que ainda existia em mim e abri a porta.

Ele entrou bem sério, com as mãos dentro dos bolsos da calça e a expressão fechada. Qualquer traço de simpatia no rosto dele havia desaparecido. A barba que cobria seu rosto nunca me parecera tão assustadora.

— Papai... — Engoli em seco, mas ele me interrompeu.

— Imagino que sua mãe tenha conversado com você.

Eu fiz que sim e ele voltou a falar.

— Quero que saiba que não estou nem um pouco contente com o que aconteceu e muito decepcionado com você, Cecília. Achei que fosse mais responsável e esperta.

Mordi os lábios e comecei a tremer, tentando segurar o choro. O pior de tudo era ouvir que meus pais estavam decepcionados comigo.

— Foi irresponsável de sua parte. Muito irresponsável. Não sei nem descrever o que senti quando sua mãe contou que você tinha caído no papinho de um aliciador. Nunca imaginei que uma das minhas filhas pudesse cair nisso. Vocês duas são esclarecidas, tem acesso a todo tipo de informação. Não é possível que você não tenha visto a droga que estava fazendo! Não é possível!

Não contive as lágrimas e meu pai soltou os ombros. Caminhou até parar ao meu lado e me abraçou.

— O que acontece agora? — Funguei afundando meu rosto no sobretudo dele.

— Esse homem vai ser indiciado pela polícia.

— Ele vai ser preso?

— Vai. Tem leis contra o que ele fez.

Preso... Eu não sabia se ficava aliviada com isso ou triste, pois era uma consequência muito grave para algo que, durante a conversa, pareceu tão bobo. O que James tinha feito não iria acabar só com a minha vida, mas com a dele

também.

— Não pode confiar nas pessoas assim, Cecília. É muita tolice da sua parte.

Não falei nada.

— Aquele rapaz tem vinte e sete anos. Quase o dobro da sua idade! — Ele coçou a testa. — Mas mesmo que tivesse a sua idade... Enfim...

Fiquei paralisada outra vez. *Ele tinha mentido para mim desde o início...*

— Ele me falou que tinha dezoito anos...

— Ele mentiu. É lógico que ele mentiu, como mentiu que deletaria a imagem, como deve ter mentido em outras tantas coisas. — Meu pai torceu o lábio com desdém. — Ele não fez isso com só você. Nesse *blog*, tem fotos de outras quinze meninas.

— Quinze?

Meu pai fez que sim.

— Não deveria ter confiado nele, Cecília. Há maldade até mesmo por trás de sorriso. Aliás, desconfie de todo mundo que ri demais! Principalmente se for homem!

Assenti, envergonhada demais para encará-lo.

— Não deve ser tão ingênua. Dessa vez, foi uma foto, mas poderia ter sido algo muito pior.

— A polícia vai tirar a foto do *blog*?

— O blog já foi desativado e nosso advogado entrou com uma ação para que a foto seja apagada de qualquer dispositivo. Mas isso não se aplica aos

armazenamentos pessoais *offline*. Quem tem a foto no celular, a não ser que a apague, continuará tendo. Isso poderá voltar para a rede e teremos que ficar atentos a todo momento.

— Tudo mundo da escola... — Estremeci torcendo para que tudo fosse apenas um terrível pesadelo.

Caio...

— Provavelmente. Mas como você é menor de idade, as revistas e jornais não podem sequer mencionar essa foto sob pena de multa ou até mesmo prisão.

— Obrigada, pai. — Abri um sorriso amarelo porque sabia que o meu pai tinha tentando fazer o máximo possível para evitar um grande estrago na minha vida. — Posso voltar para minha antiga escola?

— Você não é mais criança, Cecília, e vai lidar com as consequências de seus atos. Agradeça aos céus que se trata apenas de encarar seus amigos na escola. De toda forma, vou conversar com o diretor para que fique atento.

— Mas, pai...

— Você vai, Cecília, e não quero discussão. Aquela é a melhor escola da cidade.

— Mas eu tenho medo...

— Imagino que sim, mas estaremos aqui, eu, sua mãe e sua irmã, apoiando você. Precisa ser forte, Cecília. Reunir em si a mesma coragem que teve ao enviar aquela imagem.

— Papai, eu...

Ele balançou a cabeça em negativa e eu soube que era uma discussão perdida.

Eu teria que encarar a todos depois que as férias acabassem, inclusive ao Caio, e isso me apavorou.

— Desça para comer alguma coisa. Eu vou me reunir com os advogados mais tarde e prometo fazer o possível para que essa foto suma. Mas a sombra dela vai sempre perseguir você, filha, e terá que lidar com isso. Tem certos fantasmas que nos acompanham até a morte...

Eu desejei muito uma borracha mágica para apagar o passado e nossos erros, mas infelizmente não existe uma.

— Posso pedir a comida no quarto?

— Pode, mas precisa comer. — Me encarou seriamente

Fiz que sim e ele deixou o quarto.



Charlotte
Capítulo

Vinte e seis

Passamos o dia anterior todo no hotel. Depois do que aconteceu com a Cecília, meio que achei que a viagem tinha ido por água abaixo. Papai ficava para cima e para baixo com advogados e mamãe, sem saber se mordida ou assoprava a Cecília, que por si só já estava se martirizando. Ela tinha errado feio, mas acho que depois dessa, nem ela e nem eu mandaríamos fotos assim para alguém nunca mais na vida.

Fiquei sabendo que o tal James foi preso assim que saiu do hotel no início da tarde anterior e esperava que, depois dessa, o controle dos funcionários fosse muito mais rígido, porque pelo que meu pai tinha comentado, a Cecília não era a primeira hóspede de quem esse idiota se aproveitava. Só de pensar que ele poderia ter feito algo mais grave com ela do que publicar uma foto, meu sangue talhava. A mamãe dizia que eu precisava conter a minha vontade de bater nas pessoas, mas às vezes era bem difícil.

Meu celular começou a tocar e assim que vi que era o Henry atendi logo.

— Já almoçou?

— Ainda não, por quê? — Ergui uma sobrancelha.

— O que acha de vir para o restaurante do hotel para almoçar comigo?

— Você está aqui?! — Meu queixo foi ao chão.

— Esperando a minha namorada para o almoço...

— Já tô indo! — Levantei e desliguei a televisão. Saí do quarto correndo

tanto que quase tropecei nos meus próprios pés.

Assim que cheguei na recepção do hotel, eu o vi parado com o maior sorriso do mundo nos lábios. Ele estava sentado em uma das poltronas da recepção e se levantou assim que me encarou. Henry usava calça jeans azul e uma camiseta preta sob uma blusa de frio também azul. Seus cabelos lisos e pretos caíam sobre os olhos e os óculos.

— Henry! — Parei na frente dele me contendo para não me atirar em seus braços. — Não acredito que você está aqui.

— Eu precisava vir. Além da saudade toda, precisava abraçar você depois do que aconteceu. Eu liguei *pro* seu pai ontem e perguntei *pra* ele se podia vir. Ele foi bem mais de boa do que eu imaginava. — Deu uma risadinha sem graça.

— Não acredito que você veio sozinho para Londres.

— Bom... — Coçou a cabeça. — Sozinho não. — Deu um passo para o lado e eu vi o Caio sentado num sofá atrás dele. — Minha mãe e a dele estão almoçando ali no restaurante. Não deixaram a gente vir sozinho.

Comecei a rir. Eu tinha que ter previsto. A mãe do Henry era tão superprotetora quanto a minha.

— Oi, Char! — Caio se levantou e veio timidamente até mim. — Como está a Cecília? — Colocou as mãos nos bolsos ao suspirar.

— Nada bem.

— Será que eu posso ir lá vê-la?

— Não garanto que ela vá querer ver você.

— Tudo bem... Em qual quarto ela está?

— No 512.

— Obrigado! — Abriu um meio sorriso e passou por mim até o elevador.

— Como ele ficou quando descobriu da foto? — Virei-me para o Henry assim que o Caio sumiu de vista.

— Com raiva, triste e preocupado. Nessa ordem. — Henry umedeceu os lábios. — Mas ele gosta dela, Char. De verdade.

— Só espero que ele não a deixe ainda mais triste. Minha irmã não quer ver nem a gente.

— Nunca imaginei que uma coisa dessa pudesse acontecer com ela.

— A Cecília foi ingênua demais. Mandar uma foto dessa é muito arriscado.

— Ela nem conhecia o cara direito, Char... Não é só ingenuidade...

— Tem isso também. — Suspirei. — Estou com fome, vamos ou não almoçar?

— Vamos! — Henry sorriu e estendeu a mão para mim.



Lecilia

Capítulo

Vinte e sete

Ouvi uma batida na porta e nem me movi na cama. Devia ser o serviço de quarto. Sabia que era uma falta de educação gigantesca não atender as pessoas, mas não queria ver ninguém, ninguém mesmo. Só de pensar que qualquer pessoa naquele hotel poderia ter visto a minha foto, eu queria sumir. Tinha que ser para outra dimensão porque, com internet, até na China já poderiam estar comentando sobre a minha foto. Eu nunca desejei tanto poder voltar no tempo.

Bateram de novo e eu continuei imóvel.

— Cecília, abre a porta, por favor...

Arregalei os olhos e sentei na cama. Conheceria aquela voz até debaixo d'água. Imaginei que talvez estivesse delirando. Eu estava em Londres e o dono daquela voz, no Brasil.

— Cecília...

Não era possível. *Era?*

— Vai embora!

— Me deixa entrar. Eu só quero abraçar você.

Arrastei-me até a porta e girei a maçaneta. Voltei para cama enquanto ouvia o som dos passos dele para dentro do quarto. Fitei seu par de tênis brancos, incapaz de encará-lo.

— Cecília...

— O que está fazendo aqui, Caio?

— Já que não atende as minhas ligações, eu precisava ver você.

— Não é uma boa hora. — Cravei as unhas nos meus braços, tentando conter o nervosismo que me corroía por dentro.

— Eu sei que não. É justamente por isso que eu vim.

— Você sabe da foto? — Estremeci temendo a resposta dele.

— Sei, sim. Eu vi a foto.

Eu me encolhi ainda mais, quase entrando em mim mesma de tanto que fitava o chão. *Será que ele tinha pegado um voo para Londres só para me dizer que eu tinha agido muito pior que ele?*

— Está com muita raiva? — Mordi a língua.

Caio tocou meu queixo e ergueu meu rosto, fazendo com que eu encarasse seus olhos cor-de-mel que me fitavam profundamente.

— Seria mentira se eu dissesse que não tô chateado, bravo e um montão de coisas, mas fiquei preocupado com você. Imaginei que estivesse arrasada com isso. Sinto muito por ter acontecido, Ceci.

— Eu fui muito estúpida, Caio. — Meus lábios começaram a tremer e lágrimas correram pelos meus olhos.

— Todo mundo comete uma estupidez às vezes. Eu que o diga. A gente não consegue perceber o quanto é grave até ser tarde demais.

Eu soube que ele estava falando do motivo do nosso término e me senti ainda pior. *O que eu tinha feito era muito mais terrível!*

— Eu tô aqui porque amo você. — Ele sentou ao meu lado e segurou minhas mãos entre as dele. — Mas, Ceci...

— O que foi? — Ele estava tenso e eu também. Mas como não ficar depois de tudo o que tinha acontecido?

— Eu acho que temos que conversar sobre o que rolou.

Respirei fundo. Imaginava que ele ia falar disso.

— Falar o quê? — Eu sabia, mas perguntei assim mesmo na esperança que ele mudasse de ideia. Graças a m... gigantesca que eu tinha feito, aquele ia ser o pior assunto da minha vida.

— Preciso que esclareça algumas coisas para mim, porque eu estou chateado com o que aconteceu, mas acima de tudo, estou confuso. Me responde uma coisa com sinceridade...

Fiz que sim com a cabeça. Não dava pra sair correndo.

— Você *tava* a fim de transar com aquele cara?

Quase caí para trás na cama.

— Não, Caio! — Puxei as minhas mãos e recuei na cama.

— Então por que mandou uma foto pelada *pro* cara?! — gritou Caio. Ele estava bravo *pra* caramba comigo e o pior era que tinha razão. — Nem conhecia ele direito.

— Agi por impulso, foi só isso. Mas eu nunca ia fazer isso com ele, nunquinha. Nem tenho idade para isso.

— Agiu por impulso? Fala sério! Nunca imaginei que pudesse ser tão tapada!

— Tapada? — Subi meu tom de voz. — Sim, agi por impulso. E *tava* chateada com você dando mole *praquela* menina.

— Aí, você manda uma foto pelada *pro* primeiro babaca que pede?

Fechei as mãos em punho.

— Eu errei, Caio, mas você também não é nenhum santo. Pegava a escola inteira antes de começarmos a namorar que eu sei.

— Sabe que eu parei com isso. Não pode me culpar pelo que fiz antes...

— Como você mesmo disse: a gente comete erros.

— *Tá*, não quero brigar. — Ele fez carinho no meu rosto e eu não recuei. — Só queria entender o porquê da foto. Namoramos há meses e nunca falamos sobre transar. Achei que você não quisesse. Aí, dou de cara com essa foto! Quase tive um treco!

— Eu não quero, ainda não.

— *Tá...* — Soltou os ombros.

— Me desculpa, Caio! — Eu chorava e soluçava.

Ele fez carinho no meu rosto e sorriu. Vi como o sol que entrava no quarto fazia seus cabelos loiros brilharem. Caio parecia um anjo e, por alguns segundos, senti que tudo ficaria bem.

— Eu desculpo, se você me desculpar.

— Mesmo depois disso, você quer voltar comigo? — Arregalei os olhos, surpresa.

— É lógico! Eu amo você, Ceci. — Com uma das mãos, Caio segurou as

minhas e, com a outra, colocou de volta a aliança no meu dedo que eu tinha tirado quando terminei com ele.

— Ainda está com raiva?

— Estou...

— Eu também, desculpa. Só quero que as coisas voltem a ser como antes — choraminguei. Eu queria, mesmo sabendo que as coisas não iam voltar, porque todo mundo na escola tinha visto aquela maldita foto. Não ia ser fácil *pra* mim e o Caio acabaria zoadado também. A situação era a pior de todas, mas, com o Caio ali, foi como se tivesse uma luzinha no fim do túnel.

Ele se curvou para me beijar, um beijo longo e molhado. Foi como se eu ouvisse sininhos que me diziam que, talvez, eu nunca devesse ter terminado com ele. Eu gostava muito dele e o Caio não viria do Brasil para a Inglaterra depois de tudo isso se não gostasse de mim de verdade.

Muitos beijos depois, ele se sentou ao meu lado na cama e me abraçou.

— Como foi conhecer Londres? — Apoiou a cabeça dele na minha.

— Teria sido incrível, mas...

— Ainda pode ser. — Fez carinho no meu rosto. — Ainda temos três dias até o fim das férias. Podemos fazer muita coisa

— Você vai ficar?! — Abri um largo sorriso.

— Sim. Se você me quiser aqui, eu fico.

— Você veio sozinho?

— Não. O Henry veio também. Minha mãe e a dele vieram com a gente. Meu

pai ainda teve que preencher uma papelada para que eu viajassem sem ele. Não sabia que era tão burocrático. Toda vez que viajei para fora do Brasil, meus pais sempre entravam comigo.

— Eu não sabia que era assim. — Franzi o cenho.

— É, eu nem podia fugir para vir ver você. — Riu.

— Estou tão feliz por você estar aqui, Caio. — Eu o abracei apertado.

Até consegui esquecer o que havia acontecido...

— Já foi ao *London Eye*?

— A roda gigante?

Ele fez que sim.

— Ainda não.

— Por que não vamos almoçar e depois passamos a tarde lá?

— Parece uma ótima ideia, mas não sei se minha mãe vai deixar. Acho que vou ficar de castigo até o fim da vida.

Caio me deu a mão e eu o segui para fora do quarto. Então, tive a sensação de que, com ele ao meu lado, eu conseguiria sobreviver àquela foto.



Charlotte
Capítulo

Vinte e oito

Foi preciso muito papo para que conseguíssemos convencer meus pais a nos deixar continuar a conhecer os lugares. E convencer a Cecília, porque ela não queria nem pisar fora do quarto...

Como o grupo tinha aumentado, precisaríamos ir em dois táxis. Henry e eu seguimos no carro com a mãe dele e a mãe do Caio. Diane era uma mulher muito bonita, mas em nada se parecia com o filho. Henry era uma cópia do pai japonês, já Diane tinha cabelos encaracolados e a pele morena brasileira.

— Henry estava louco para ver você. — Ela me encarou.

— Mãe! — Ele entrelaçou os dedos nos meus e se encolheu no banco.

— Estou falando alguma mentira? — Olhou para ele de esguelha.

— Não...

— Deveríamos ter vindo todos juntos desde o início. Eu adoro Londres. — A mãe do Caio abriu um largo sorriso ao olhar pela janela quando passamos diante do *Big Ben*.

Fiquei me perguntando se ela já sabia sobre tudo o que tinha acontecido e só queria interagir com a gente ou se o Caio não tinha contado para ela sobre o breve término com a minha irmã. Isso, breve, porque durante o almoço, ficou claro que haviam voltado. Os dois desceram de mãos dadas, com a minha irmã quase se escondendo atrás do namorado, e ambos usavam novamente as alianças de compromisso.

A ida ao *London Eye* já foi um pouco mais traumática. Como a Cecília estava de castigo pelo que havia acontecido, nossos pais só deixaram porque o restante da viagem tinha ido para o espaço e ela não podia ficar sozinha no hotel. No dia seguinte voltaríamos para o Brasil, adiantando o retorno. Eu nem achava tão ruim, pois não tinha mais clima para ficarmos em Londres.

Descemos do táxi diante da enorme fila e encontramos com meus pais, a Ceci e o Caio. Papai parecia menos sério, tinha até um sorriso discreto nos lábios dele. Eu o conhecia o suficiente para supor que estava até contente com a presença dos garotos. Mamãe não escondia que estava feliz em ver Cecília sorrir de novo depois do último dia de choradeira.

— Por que não nos juntamos todos para uma foto? — Ela fez um gesto com a mão

— Foto, não! — Cecília se esquivou e saiu de vista. Caio foi atrás dela.

Todos rimos.

Entramos todos juntos em uma cápsula. Quando ela começou a subir, eu me aproximei da parede de vidro. Estávamos no fim da tarde e o sol baixava no horizonte, tingindo o céu de laranja e escurecendo a água do Tâmis.

Do alto, a primeira coisa que vi foi o Palácio dos Lordes com o imponente *Big Ben*. Depois, reparei na ponte de Londres sobre o rio Tâmis, aquela que os comensais da morte tinham destruído em um dos filmes do Harry Potter. Então, fiquei reparando na Torre de Londres, onde ficavam guardadas as joias da coroa inglesa.

Estava concentrada quando Henry me abraçou por trás e beijou meu cabelo. Ele era alto o suficiente para apoiar o queixo em cima da minha cabeça.

— A vista daqui é bonita, né?

— Muito. — Sorri.

— Eu estava esperando um lugar bonito assim para dar para você isso. — Ele abriu na minha frente uma caixinha e dentro dela havia dois colares que juntos montavam um manete de videogame. Fiquei sem palavras. Eu tinha sorte por ter um namorado tão fofo e romântico quanto o Henry, que sempre me deixava ainda mais apaixonada.

— Eu estava no shopping um dia desses com o meu pai e vi numa vitrine. Pensei que iria ficar perfeito *pra* gente.

— Ah, Henry, obrigada! — Eu me virei e o beijei. Porém logo me afastei ao lembrar que nossos pais estavam ali, nos olhando.

— Que bom que gostou. — Ele colocou uma mecha do meu cabelo atrás da orelha antes de abotoar o colar atrás do meu pescoço.

— Ah, como eles são fofos. — Suspirou a mãe do Henry.

O meu momento romântico foi por água abaixo quando nossos pais começaram a rir.



Lecilia

Capítulo

Vinte e Nove

Querido diário,

Eu acabei com as férias dos meus sonhos confiando em quem não deveria. Aquela era uma lição que levaria para o resto da minha vida. Nunca mais mandaria fotos para ninguém. Ninguém!

Ainda bem que o Caio e o Henry apareceram. Eles tornaram tudo um pouco melhor. Eu estava feliz por estar namorando com o Caio outra vez. Gostava demais dele e a cada dia eu notava o quanto ele gostava de mim também. Pena que, por causa do meu castigo, não pudemos ficar juntos em Londres. Papai adiantou a volta pra casa em alguns dias.

Hoje é meu primeiro dia de aula depois das férias. Sei que a maioria das pessoas lá viu a foto e isso me deixa apavorada. Meu pai não me deixou mudar de escola por mais que eu tivesse suplicado. Ele e a mamãe queriam que eu enfrentasse o problema que havia criado para mim mesma, porém eu não sabia se ia conseguir.

Além de não poder sair de casa, acho que pro resto da vida, estou sem celular e com uma lista gigantesca de proibições. Eles capricharam no maior castigo da minha vida. Até o Caio eu só posso ver uma vez por semana e com supervisão. No domingo, quando a mamãe fica no jardim de olho na gente. Internet, só para trabalho de escola e televisão, filmes, series ou qualquer outra coisa só posso ver duas horas por dia. Até meu laptop foi parar no escritório do meu pai!

Mas posso sobreviver a isso. Vou aproveitar a falta de distrações para

adiantar minha lista de leituras do ano.

Até mais!

Beijos, Cecília.

— Vamos, filha. — Meu pai apareceu na porta do meu quarto ajeitando a gravata azul ao redor do pescoço.

O fato de ele querer me levar para escola me deixou ainda mais tensa. Olhei para ele e desviei logo em seguida. Queria suplicar mais uma vez para que não me obrigasse a ir, mas eu sabia que, quanto mais brigasse, mais dolorido ia ser, porque meu pai estava irredutível. Eu tinha que enfrentar a m... que tinha feito.

Mamãe me disse que eu deveria estar grata, pois com os recursos do meu pai tudo o que eu precisava era enfrentar alguns colegas de escola. *A situação poderia estar muito pior...* pensar nisso deveria me deixar mais calma, mas não deixava.

Guardei o diário na gaveta da minha escrivaninha e joguei a mochila sobre o ombro antes de seguir meu pai pelo corredor até a garagem. Ao chegar lá, vi Charlotte escorada no carro do meu pai, mastigando uma maçã. Ela parecia tranquila e tudo o que eu queria era ficar assim também.

Aquele frio e nublado primeiro de agosto parecia refletir bem a minha tristeza e preocupação interna.

Sem falar nada, entramos no carro e papai dirigiu até a escola. Assim que chegamos, Henry e Caio esperavam por nós no estacionamento e vieram ao nosso encontro quando meu pai estacionou.

Desci e encontrei Caio me encarando com um sorriso amarelo. Ele tentou me

abraçar, porém eu me esquivei. Percebi que ficou chateado e colocou as mãos nos bolsos da calça jeans. Eu estava tensa demais para ser carinhosa e esperava que ele compreendesse.

— Podem ir para sala! — Meu pai colocou a mão sobre meu ombro direito.
— Eu e a Cecília vamos até a sala do diretor.

— Eu preciso mesmo ir, pai? — Olhei para ele, suplicante. Esperava que o meu olhar o fizesse mudar de ideia, porém ele se manteve irredutível.

— Precisa.

— Posso ir com vocês? — pediu o Caio ao se colocar ao meu lado.

— Não, garoto. — Meu pai manteve o tom ríspido. — Vá para aula. A Cecília encontrará com vocês em breve.

Charlotte mandou um beijo para o nosso pai e puxou Henry pela manga da camisa, arrastando-o para longe. Caio olhou para mim algumas vezes, me estudando na esperança que eu dissesse algo para que ele ficasse. Como eu não disse, torceu os lábios e seguiu a minha irmã e o namorado.

Fui com meu pai até o prédio da diretoria.

Assim que passamos pela porta, eu me contive para não estremecer. O diretor, um homem baixo, meio gordinho e de cabelo curto, estava parado ao lado da mesa e nos encarava com braços cruzados.

— Vitor Donelli, lamento que tenhamos nos conhecido em uma situação como essa. — Ele puxou a cadeira, sentou-se atrás da mesa cheia de objetos de escritório e fez um gesto para que eu e meu pai nos sentássemos diante dele.

— Como conversamos pelo telefone. Você já está a par do que aconteceu com a minha filha. — Meu pai foi direto ao assunto e se manteve de pé, encarando o

diretor fixamente.

— Sim. Tomaremos todas as medidas necessárias para evitar a propagação da foto pela escola. Alunos que forem pegos com isso sofrerão medidas disciplinares, que podem ser advertência e até expulsão. Os professores dos primeiros horários foram orientados a conversar com os alunos a respeito...

Enquanto o diretor falava, eu quis me encolher e abrir um buraco sob meus pés na esperança que eu saísse no Japão. Se alguém na escola ainda não sabia da maldita foto iria descobrir depois que cada professor comentasse a respeito. *Nada parecia tão ruim que não pudesse ficar pior...*

— Nós repudiamos qualquer forma de *bullying* e *cyberbullying* — continuou o diretor —, mas não podemos confiscar todos os telefones para saber quem tem ou não a foto da sua filha.

— Compreendo. — Meu pai não alterava a expressão, num misto seriedade e fúria.

Olhei para o corredor além da porta com um pequeno arbusto de cada lado. Eu me perguntei o quanto eu precisava ser rápida para correr até lá sem que meu pai me agarrasse pela gola da camiseta e me fizesse voltar.

— Cecília é uma das melhores alunas que temos. Fizemos questão de manter a bolsa mesmo após ter se oferecido para pagar a mensalidade dela. Faremos o possível para que a situação se resolva e isso não atrapalhe o desempenho escolar dela. — O diretor sorriu para mim enquanto mantinha os olhos fixos no meu pai.

Eu só conseguia pensar que ele e os professores provavelmente deveriam ter visto a foto e isso só me fazia querer chorar ainda mais.

O sinal tocou e meu pai deu uns tapinhas no meu ombro e apontou para a

porta.

— Cecília, vá para a aula.

— Eu preciso mesmo? — Tentei engolir as lágrimas.

— Sim, precisa. O que eu te falei sobre coragem para enfrentar problemas?

Respirei fundo e apertei as alças da mochila. Eu precisava de toda coragem do mundo para enfrentar o que me aguardava nos corredores daquela escola.

— Tenha uma boa aula, Cecília. — Ouvi o diretor dizer quando cheguei ao corredor.

Boa aula? Ele só poderia estar de brincadeira comigo.

Assim que comecei a esbarrar com outros alunos pelo caminho até o prédio 4 onde eu teria a minha primeira aula do dia, o meu pior pesadelo começou a se tornar realidade. Todos olhavam para mim, até os alunos de séries inferiores, que trocavam risadas com os colegas e, às vezes, até mostravam os celulares uns para os outros. Foi como se eu tivesse sem roupa na frente deles, a pior sensação do mundo.

O pesadelo terrível em que eu acordava de pijama na escola não pareceu nada perto do que estava acontecendo de verdade. *Quem me dera se estivessem apenas comentando uma foto minha de pijama...*

Apertei o passo sem me importar com eles me verem correndo e entrei no prédio. Subi correndo as escadas, quase tropeçando, sem esperar o elevador e, assim que cheguei em um corredor, acabei trombando com um cara. Meu choque com o corpo dele fez com que ambos cambaleassem, cada um em uma direção. Ele era do segundo ano e eu não sabia seu nome nem qualquer outra informação sobre ele. Seus cabelos e seus olhos eram castanhos e ele começou a sorrir de

forma maliciosa como todos os outros com quem cruzei pelo caminho.

— Oi, Cecília...

— Dá licença! Eu estou atrasada para a minha aula.

— Calma ai, gatinha! — Ele me segurou pelos ombros.

— Me solta! — Eu me debati, mas ele era mais forte do que eu.

— Eu adorei a sua foto sabia? Uso ela de pano de fundo do meu celular. — Tirou do bolso e mostrou para mim.

Eu deixei cair todo o choro que estava segurando pelo caminho.

— Me deixa passar, por favor.

— Quem sabe nós não...

— Diego, seu idiota, para de importunar a garota! — Ouvi uma voz atrás de mim que fez com que o cara recuasse alguns passos.

— Sai para lá, Peter! Essa conversa não tem nada a ver com você.

Vi um cara alto passar ao meu lado e tomar o celular das mãos do Diego, apagando a minha foto.

— Não tem mais papel de parede nenhum. Agora some antes que eu faça mais do que apagar a foto e resolva quebrar a sua cara. — Peter rosnou e Diego saiu correndo sem pensar duas vezes.

— Obrigada! — Eu mantive os olhos nos ladrilhos do chão.

Eu conhecia o Peter só de vista, sabia que ele era filho do sócio do meu pai e esbarrava com ele em eventos da empresa e em festas na minha casa. Ele e a

Charlotte eram amigos, os paparazzis até tinham dito que eram namorados no início do ano, mas comigo ele nunca tinha falado diretamente. Não achei que fosse me defender.

— Não esquentar! Não vou deixar esses idiotas incomodarem você.

Ergui a cabeça e fitei seus olhos azuis em meio a um leve sorriso. Foi a primeira pessoa gentil comigo naquele lugar depois do que tinha acontecido.

— Obrigada mesmo.

— Estou aí *pra* isso! — Bateu continência.

Um barulho chamou nossa atenção. Quando olhei *pra* trás, vi Charlotte acertar um direto no nariz do menino, que cambaleou segurando a região atingida.

— Se mexer com ela, eu vou quebrar mais do que o seu nariz! — Ela rosnou e o cara saiu correndo.

— Acho que você está em boas mãos agora. — Peter acenou para a Char e ela sorriu para ele. — Nos vemos por aí, Cecília. Se precisar de ajuda é só me chamar.

— Obrigada, Peter! — Assenti e fui até a Charlotte.

— Ei! Você estava demorando. Resolvi vir atrás. — Ela colocou a mão no meu ombro. — Está tudo bem?

— Obrigada por me defender, irmã. — Abracei ela bem apertado.

— Não vou deixar um babaca tirar onda com a minha irmã. — Ela correspondeu ao meu abraço.

— Você pode se complicar, Charlotte. Se ele conta para o diretor isso pode te colocar em alguma encrenca.

— Acho que ele tem que ter mais medo do diretor do que eu, depois do que acabou de fazer com você.

Mordi o lábio e comecei a chorar.

— Ei! Calma, vai ficar tudo bem.

— Não tem nada bem. A essa altura, quem não sabia da foto já sabe. *Tá* todo mundo olhando e rindo de mim. Se não fosse pelo Peter, sei lá o que aquele cara ia fazer comigo. Ah, Char... Não sei se tenho toda a coragem que preciso para enfrentar isso. — Soluçava quando ela me apertou ainda mais no abraço.

— Eu estou aqui para te defender, irmã. Quero ver quanto engraçadinho vai sobrar depois que eu distribuir alguns socos.

Consegui rir pela primeira vez naquele dia.

— Vamos para aula. Prometo não sair do seu lado. — Minha irmã me empurrou pelo corredor e, com a ajuda dela, eu me senti um pouco mais confiante.

— É, acho melhor eu começar logo com as aulas de boxe... — murmurei e minha irmã riu.

Gostou da história? Não deixe de avaliá-la na amazon, é muito importante para a divulgação desse livro.

Acompanhe mais informações sobre os próximos volumes dessa série no site e nas redes sociais da autora.

Facebook - www.facebook.com/autorajessicamacedo/

Instagram - www.instagram.com/autorajessicamacedo/

Leia também a História de Cíntia e Vitor

Nunca te esqueci



link => <https://amzn.to/2XFlaoY>

Sinopse:

Aos prantos e com o coração despedaçado, Cíntia deixou sua casa, sua família e seu namorado e foi estudar em uma cidade grande.

Mas o destino estava prestes a surpreendê-la. Cíntia tentou, lutou com todas as forças para não se aproximar, não se apaixonar... Vitor era o completo oposto de tudo o que desejava. Um jovem mimado e rico, que a provocou, enlouqueceu e roubou seu coração.

Um amor proibido, uma união indesejada e uma gravidez inesperada. Cíntia e Vitor imaginaram que poderiam viver juntos para sempre, que seriam eles contra o mundo. Mas corações serão partidos, promessas serão quebradas e todo o amor que viveram se tornará uma triste lembrança do passado da qual se negam a desistir.

